UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS

THAYNARA SOUZA FERREIRA

***VIA LÁCTEA*:**
UMA INVESTIGAÇÃO GEOLINGUÍSTICA SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

SÃO LUÍS
2019

THAYNARA SOUZA FERREIRA

***VIA LÁCTEA*:**
UMA INVESTIGAÇÃO GEOLINGUÍSTICA SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Curso Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

SÃO LUÍS
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Thaynara Souza.
Via Láctea: : uma investigação geolinguística sobre a variação lexical nas capitais do nordeste brasileiro / Thaynara Souza Ferreira. - 2019.
56 f.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.
Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Espanhol, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2019.

1. Geolinguística. 2. Nordeste. 3. Variação Lexical. 4. Via Láctea. I. Oliveira Santos, Georgiana Márcia. II. Título.

THAYNARA SOUZA FERREIRA

***VIA LÁCTEA*:**
UMA INVESTIGAÇÃO GEOLINGUÍSTICA SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Curso Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Aprovada em 19 / 07 / 2019

Nota 9,0 (nove)

Banca Examinadora

Georgiana Márcia Oliveira Santos

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos – Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Conceição de Maria de Araujo Ramos

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araújo Ramos – Examinadora 1
Universidade Federal do Maranhão

Luís Henrique Serra

Prof. Dr. Luís Henrique Serra – Examinador 2
Universidade Federal do Maranhão

Scanned with CamScanner

Ao meu querido pai, Luís Henrique F. Ferreira, e à minha querida mãe, Elyzangela Serra Ferreira, os quais sempre me incentivaram e acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que me ajudaram durante minha caminhada acadêmica e a partir desses agradecimentos desejo mostra-lhes o quanto são importantes.

Primeiramente a Deus, que me presenteou com o dom da vida. E que em nenhum momento me desamparou nos momentos que mais precisei. Foram anos cansativos e difíceis, porém, me direcionou e cuidou de mim sempre.

Ao meu pai, Luís Henrique, porque – apesar de não ter estado tão presente como eu gostaria por termos perdido o contato quando foi embora – sempre me motivou, direcionou e investiu nos meus estudos desde a minha infância. Sei que ele sempre acreditou em mim, acreditou que eu seria capaz de subir mais um degrau, o que hoje estou subindo. Jamais me esquecerei de toda a dedicação e investimento que fez para garantir minha educação. Nunca permitiu que me faltasse nada, lhe serei eternamente grata por tudo o que fez.

À minha mãe, Elyzangela, que apesar das dificuldades financeiras sempre fez questão de investir financeiramente no meu futuro. Fez o possível e o impossível para que eu conseguisse participar de tudo o que a universidade poderia me oferecer. Sempre foi uma mãe presente, nunca mediu esforços para está ao meu lado durante esses quatro anos cansativos.

Ao meu porto seguro, Fábio Licá. Posso dizer que, em grande parte dessa etapa que concluo em minha vida, ele se fez presente. Antes de ingressar na universidade, foi um dos que mais me incentivou a fazer parte de um meio acadêmico. Lembro com precisão de todas as vezes que necessitei de ajuda em alguns trabalhos e sempre esteve ao meu lado, nunca se negou a me ajudar. Muitas das vezes que estava ao seu lado, estava cansada e estressada por causa da rotina pesada, porém, sempre se mostrava compreensível e muito carinhoso comigo. Posso dizer que foi e sempre será meu melhor companheiro de estrada.

Ao meu irmão, Thayllison Herrique, que todos os dias me levava bem cedo à universidade de moto e que, sempre que podia, contribuía financeiramente em créditos para minha carteira de estudante.

Às minhas tias Girla, Rita e Thays, mulheres guerreiras e que também acreditaram em mim. Quando mais necessitava de uma ajuda financeira para ir a um evento, como o de Belém, elas se juntaram e pagaram minha viagem que durou uma semana.

Às minhas amigas, Luciana Carla, Vânia Nunes, Fernanda Gama, que souberam compreender minha ausência em determinados compromissos que marcávamos. Muitas vezes, evitei entrar nas redes sociais para conversarmos devido ao estresse do dia e acabávamos ficando dias sem nos comunicarmos. Porém, sou grata a vocês, pois mesmo diante de tudo isso nossa amizade se manteve firme.

À minha orientadora, Profa. Dra. Georgiana Santos, que apareceu na minha vida no momento certo, numa fase da minha vida em que me sentia em um labirinto sem saída, sem saber que direção tomar quanto à minha monografia. Nesse momento, ela chegou e me deu uma direção

segura. Cheguei até mesmo a pensar que não conseguiria desenvolver meu projeto, mas Deus a enviou no momento certo e lhe serei eternamente grata por tudo que fez por mim.

E não poderia deixar de agradecer a uma pessoa que marcou de forma muito significativa a minha caminhada acadêmica, a professora Mônica Cruz. É uma mulher de lindas atitudes e que me ensinou muito. Fiz parte do seu grupo de pesquisa (GPELD) por dois anos e foi uma professora muito atenciosa e que fez questão de me ensinar tudo o que eu precisava para que tivesse uma melhor desenvoltura acadêmica.

À professora Marinez Tamburini Brito. Não a considero apenas minha professora, mas uma pessoa que muito me inspira confiança. Tive o privilégio de conhecê-la durante meu estágio obrigatório de língua espanhola. Serei eternamente grata a ela por todos os incentivos e ensinamentos que me deu durante minha experiência de campo. Jamais me esquecerei do dia em que eu teria que participar de um seletivo para concorrer a uma vaga de professora e ela, prontamente, me ajudou e orientou sobre qual percurso deveria seguir.

A Gabriel Castro, graduando do curso de Letras, que durante a elaboração da minha monografia se dispôs a ajudar e a ensinar a mim, Flavia e Macielly na construção das cartas linguísticas, além de, juntamente com a professora Georgiana, organizar um minicurso para que entendêssemos tudo o que era necessário sobre o ALiB.

A Jailson de Jesus Abreu de Sousa, mais conhecido como Neto, que, mesmo não tendo nenhuma responsabilidade familiar para comigo, foi uma figura importante durante minha caminhada acadêmica. Pois sempre que necessitava de recursos financeiros para pagar algum evento do qual deveria participar, ele, com toda sua bondade, carinho e honestidade, se oferecia para me ajudar. E quantas vezes fez isso. Então, não poderia deixar de agradecê-lo por isso e por muito mais que fez por mim.

A todos, os meus sinceros agradecimentos, sem vocês eu não conquistaria o que conquistei!

As variedades linguísticas corroboram a ideia de dinamismo da língua, assim, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas, a língua sofre variações que melhor se adaptam às necessidades de determinado grupo.

(D’ANUNCIAÇÃO, 2016).

RESUMO

A língua tem um dinamismo inerente que resulta na sua indiscutível heterogeneidade. Com base nesse pressuposto, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB vem realizando a descrição linguística do português falado no Brasil com foco, entre outros aspectos, na variação semântico-lexical que particulariza o português brasileiro. Assim, este trabalho tem como objetivo principal identificar as variantes lexicais para *Via Láctea* nas capitais do Nordeste brasileiro, bem como investigar os fatores extralinguísticos que ocasionam essa variação. Para tanto, e com base no aporte teórico-metodológico, sobretudo, da Dialeotogia e da Geolinguística, procedemos com a análise do *corpus* linguístico coletado pelo ALiB, constituído pelas respostas dadas à questão 33 do Questionário Semântico-Lexical – QSL/ALiB — "Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?" — por oito informantes em cada uma das noves capitais nordestinas: quatro mulheres e quatro homens, distribuídos equitativamente entre as faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos), quatro com o Ensino Fundamental e quatro com o Ensino Superior –. Como chamam esta banda ou faixa? Metodologicamente, após a revisão das transcrições grafemáticas dos inquéritos realizada com o auxílio dos áudios originais, nosso procedimento foi fazer o levantamento das variantes lexicais para *Via Láctea* e à análise dos fatores diatópico, diageracional, diagenérico e diastrático que geram essas variantes. Em seguida, foram feitas cartas linguísticas para evidenciar a variação linguística em relação ao objeto de estudo desta pesquisa, nas capitais do Nordeste, em função da influência, sobretudo, da escolaridade, sexo e faixa etária dos informantes. Como resultados obtidos, identificamos 14 (quatorze) lexias usadas nas capitais do Nordeste brasileiro para denominar *a banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras*, sendo que as duas com maior percentual de frequência foram, respectivamente, *constelação* (56%) e *via láctea* (8,33%). Considerando a análise feita dos usos dessas duas lexias mais recorrentes, constatamos que os fatores diageracional, diagenérico e diastrático foram relevantes para sua obtenção, em especial, de *constelação*. Este trabalho contribuirá, sem dúvida, para incitar investigações sobre as especificidades do português brasileiro nas demais regiões brasileiras e, mais especificamente, para a confirmação da existência, ou não, de falares do Norte, do Nordeste, do Sul e Cento Oeste do Brasil.

Palavras-Chave: Variação Lexical**;** Via Láctea; Geolinguística; Nordeste.

RESUMEN

El lenguaje tiene un dinamismo inherente que resulta en su heterogeneidad indiscutible. En relación a esta suposición, el Proyecto del Atlas Lingüístico de Brasil - ALiB ha estado realizando la descripción lingüística del portugués hablado en Brasil, centrándose, entre otros aspectos, en la variación semántica-léxica que presenta el portugués brasileño. Por lo tanto, este documento tiene como objetivo identificar las variantes léxicas dadas a palabra Vía Láctea en las capitales del noreste brasileño, así como investigar los factores extralingüísticos que causan esta variación. Por lo tanto, y con base en el apoyo teórico y metodológico, especialmente en Dialeotogía y Geolingüística, procedimos al análisis del corpus lingüístico recogido por el ALiB, que consiste en las respuestas dadas a la pregunta 33 del Cuestionario Semántico Léxico - QSL / ALiB - "Numa noche estrellada, una banda o banda aparece en el cielo desde el exterior, donde hay muchas estrellas muy cercanas entre sí. ¿Cómo llamas a esta banda o banda? - por ocho informantes en cada una de las nueve capitales del noreste: cuatro mujeres y cuatro hombres, distribuidos equitativamente entre los grupos de edad I (18 a 30 años) y II (50 a 65 años), cuatro con educación primaria y cuatro con enseñanza Superior -. ¿Cómo llamas a esta banda o pista? Metodológicamente, después de revisar las transcripciones gráficas de las encuestas realizadas con la ayuda de los audios originales, nuestro procedimiento consistió en estudiar las variantes léxicas dadas a Vía Láctea y analizar los factores diatópicos, diageneracionales, diagenéricos y diastásicos que generan estas variantes. Luego, nosotros hicimos cartas lingüísticas para resaltar la variación lingüística en relación con el objeto de estudio de esta investigación, en las capitales del noreste, debido a la influencia, sobre todo, de la educación, el sexo y el grupo de edad de los informantes. Como resultado, identificamos 14 (catorce) lexias utilizadas en las capitales del noreste de Brasil para nombrar la banda o banda que está en el cielo desde el exterior, donde hay muchas estrellas muy cercanas entre sí, y las dos con el mayor porcentaje de frecuencia. fueron, respectivamente, constelación (56%) y vía láctea (8,33%). Teniendo en cuenta el análisis de los usos de estas dos lexias más recurrentes, encontramos que los factores diageneracionales, diagenéricos y diastraticos fueron relevantes para obtener, en particular, la constelación. Este trabajo indudablemente contribuirá a alentar investigaciones sobre las especificidades del portugués brasileño en otras regiones brasileñas y, más específicamente, para confirmar la existencia o no de hablar desde la costa norte, noreste, sur y oeste de Brasil.

Palabras clave: Variación Lexical; Vía Láctea; Geolingüística; Nordeste.

LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta linguística 01 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* nas capitais do Nordeste.....33
Carta linguística 02 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* em Salvador (BA).....36
Carta linguística 03- Variante linguística para *Via Láctea* em Aracaju (SE).....37
Carta linguística 04 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* em Maceió (AL).....38
Carta Linguística 05 – Variantes linguísticas para a *Via Láctea* em Recife (PE).....39
Carta linguística 06 – Variantes linguísticas para Via Láctea em João Pessoa (PB).....40
Carta linguística07- Variantes linguísticas para Via Láctea em Natal (RN). 41
Carta linguística 08 – Variantes linguísticas para Via Láctea em Teresina (PI.....42
Carta linguística 09 – Variantes linguísticas para Via Láctea em Fortaleza (CE).....43
Carta linguística10 - Variantes linguísticas para *Via Láctea* em São Luís (MA). 44
Carta linguística 11 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* por sexo nas nove capitais 48
Carta Linguística 12- Variantes linguísticas para *Via Láctea por faixa etária nas nove capitais* 50
Carta linguística 13 - Variantes linguísticas para *Via Láctea* por escolaridade nas nove capitais. 52

LISTAS DE TABELAS, GRÁFICOS, SÍMBOLOS E FIGURAS

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Rede de pontos da região Nordeste.....29
Tabela 02 – Perfil dos informantes 30
Tabela 03 – Variantes, quantidades e porcentagens de designações dadas a Via Láctea nas noves capitais.....45
Tabela 04 - Representação de significados para a análise de fator escolaridade, sexo e faixa etária.....46
Tabela 05: Representação das variantes: *Constelação* e *Via Láctea*.....47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Percentual das ocorrências para *Via Láctea* nas noves capitais da região Nordeste 35

LISTA DE SIMBOLOS

Símbolo 01: demonstrativo das variantes nas cartas linguísticas 31

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Divisão dialetal proposta por Nascentes 23

Figura 02: Atlas Linguístico do Maranhão.....28

LISTA DE SIGLAS

QFF - Questionário Fonético-fonológico

QSL - Questionário Semântico –Lexical

QMS - Questionário Morfossintático

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

MA – Maranhão

PI- Piauí

CE- Ceará

RN- Rio Grande do Norte

PB- Paraíba

PE- Pernambuco

AL-Alagoas

SE- Sergipe

BA- Bahia

APFB- Atlas Prévio dos Falares Baianos

ALECE- Atlas Lingüístico do Ceará

ALS – Atlas Linguístico de Sergipe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....15

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18

2.1 Variação Linguística.....18

2.2 Léxico 19

2.3 Dialetologia.....21

2.4 Geolinguística.....24

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS 26

3.1 Caracterização do ALiB 26

3.2 Corpus 28

3.3 Contextualização das capitais nordestinas investigadas 29

3.4 Perfil dos informantes 30

3.5 Etapas da pesquisa 31

3.6 Cartas Linguísticas 31

4 ANÁLISE DE DADOS 33

4.1 Análise fator diatópico 33

4.2 Análise dos fatores sociais 46

4.2.1 Fator diagenerico 48

4.2.2 Fator diageracional 50

4.2.3 Fator escolaridade 52

5 CONSIDERAÇÕES 54

REFERÊNCIAS 55

1 INTRODUÇÃO

A expressiva diversidade de uma língua poderia desencadear, em alguns, a impressão de uma situação caótica e aleatória. Porém, ante esse aparente caos, o que existe, de fato, é uma sistematicidade e previsibilidade de variáveis internas e externas à língua. Assim, a língua possui um dinamismo inerente que resulta na heterogeneidade que marca diversos níveis, em especial, o lexical.

Sendo a variação um fenômeno intríseco a toda e a qualquer língua humana, é inegável a heterogeneidade do falar brasileiro.

A motivação para esta pesquisa foi gerada pelo compromisso de colaborar com a investigação que vem sendo desenvolvida pela equipe do ALiB sobre a variação lexical para *Via Láctea* no Brasil e sobre os fatores sociais que deflagram essa variação.

Assim, a presente pesquisa teve o objetivo geral de investigar a variação lexical referente à *Via Láctea* nas capitais do Nordeste brasileiro, com base no *corpus* constituído pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, mais precisamente, com base nas respostas dadas, quando da aplicação do Questionário Semântico-Lexical – QSL, para a questão 33: "Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?".

Para tanto, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Revisar as transcrições grafemáticas com base nos áudios originais cedidos pelo ALiB;
- Levantar todas as variantes lexicais para o item lexical *Via Láctea* na região Nordeste;
- Investigar a influência de fatores diatópicos, diagenéricos, diageracionais e de escolaridade na variação lexical para esse item.
- Elaborar cartas linguísticas para explicitar tanto a variação lexical encontrada nas capitais do Nordeste para *Via Láctea* quanto à influência de fatores extralinguísticos para essa variação.

Esta investigação está sustentada nos princípios teórico-metodológicos, sobretudo, da Dialeotogia e da Geolinguística tendo em vista que a partir desses pressupostos podemos compreender a influência de fatores extralinguísticos na variação linguística que configura a identidade de espaços delimitados geograficamente. Além disso, a Geolinguística tem por objetivo representar cartograficamente a variação em atlas linguísticos.

Para a constituição do *corpus* não foi necessário irmos a campo fazer as coletas de dados, visto que o ALiB já possui um banco de dados que reúne, entre outros, os áudios e as transcrições grafemáticas dos inquéritos realizados.

Como critérios de seleção dos informantes, a equipe do ALiB estabeleceu que esses devem ser naturais das localidades investigadas e não ter passado mais de 1/3 de suas vidas fora dessas localidades, além de terem, preferencialmente, pais nascidos nessas localidades. Os informantes do sexo masculino e feminino devem estar nas faixas etárias que variam de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. Nas capitais quanto ao fator diastrático, 4 (quatro) dos oitos informantes possuem somente Ensino Fundamental e os outros quatros acrescentados são do nível Ensino Superior.

Neste estudo, consideramos as 09 (nove) capitais da região Nordeste: São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE) e Salvador (BA).

O presente trabalho está estruturado em 5 (cinco) partes, além das referências. A introdução corresponde a primeira parte, no qual fazemos um apanhado geral do que se trata o trabalho.

O capítulo 2 (dois) traz a fundamentação teórica que engloba o (i) Léxico, (ii) Dialetologia, (iii) Geolinguística e (iv) variação Linguística. Procuramos mostrar um pouco de cada conceito para podermos sustentar nossa pesquisa.

O capítulo 3 foi dedicado à metodologia do trabalho e teve por objetivo específico cada procedimento tomando durante as investigações linguísticas até a constituição final dessa monografia. Neste capítulo, podemos consultar alguns dados referentes ao ALiB, bem como o *corpus*, além disso, também uma breve contextualização das capitais nordestinas investigadas, o perfil dos informantes, as etapas da pesquisa e por fim uma explanação sobre as cartas Linguísticas.

O capítulo 4 corresponde à análise dos dados e fundamenta-se nas respostas obtidas dos oitos informantes dadas ao Questionário Semântico-Lexical de cada capital nordestina na que faz parte da rede de pontos do ALiB. Além disso, a análise dividiu-se em 2 (partes) partes. Sendo a primeira destinada à análise do fator diatópico, na qual temos 10 cartas linguísticas, uma de forma geral de todas as variantes encontradas na região Nordeste para se nomear a *Via Láctea* e as outras noves foram analisadas individualmente por capitais, na segunda demonstra-se a análise por fatores sociais que apresentou subdivisões: (i) fator diagenérico; (ii) fator diageracional e por fim (iii) diastrático.

Ao final, no capítulo 5, temos as considerações finais do trabalho.Que contemplam os objetivos propostos e os resultados alcançados.

A relevância desse estudo foi, sobretudo, aprofundar os estudos das variantes linguísticas referentes à questão de número 33 nas capitais da região Nordeste brasileiro. Uma vez que, essas pesquisas já vinham sendo feita pelos participantes do grupo do ALiB. Além disso, será relevante para a divulgação das variantes encontradas em cada uma das noves capitais, tendo em vista que a descrição dessas ocorrências lexicais contribuirá para o estudo lexical da região Nordeste. Ou até mesmo para fazer parte da construção de um atlas Linguístico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a averiguação da variação linguística e do processo de instauração do léxico da Via Láctea nas capitais da região Nordeste, foi necessário que este capítulo se subdividisse em alguns tópicos: o fenômeno da variação linguística, o léxico e seus conceitos; Dialetologia e Geolinguística e seus caminhos metodológicos.

2.1 Variação linguística

Muitos são os conceitos a respeito da língua, assim como da fala. Tais conceitos vêm desde a publicação póstuma do Curso de linguística geral (1916), de Ferdinand de Saussure. A partir desses conceitos compreendeu-se, por exemplo, a língua como um plural de fala, ou seja, a língua não é mais entendida como algo homogêneo, mas heterogênica que apresenta possibilidades de variação linguística. Sendo assim, vê-se que o amplo espaço geográfico do país brasileiro contribui para a heterogeneidade da língua portuguesa.

Devido a isso, quando estudamos a língua, não podemos estudá-la em sua formação puramente estrutural, pois as formas linguísticas estão sempre presentes em todas as comunidades de fala. E estas formas linguísticas são na verdade várias maneiras de se falar sobre algo, porém com o mesmo valor de verdade.

Considerando essas variantes existentes, podemos explicitar as variantes padrão e não padrão. A primeira caracteriza-se por ser mais conservadora, mais valorizada e possuir mais prestígio linguístico dentro da comunidade de uso. Enquanto a não padrão, geralmente, é estigmatizada.

Embora a língua falada pela maioria da população brasileira seja o português, o que se percebe no falar desses indivíduos é um alto grau de variação linguística na forma de se utilizar as formas lexicais e até mesmo no que tange a própria estrutura da língua. Sob essa perspectiva, entendemos que esta diferenciação linguística não está intrinsecamente associada apenas às questões geográficas, mas também na desigualdade social. Como observa Bagno (2000, p. 16):

> No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país –que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito-mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do

> Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre falantes das variedades não-padrão de português brasileiro –que são a maioria de nossa população –e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 2000, p. 16).

A variedade linguística depende de variedades geográficas, assim como diastráticas. Na diatópica as alternâncias se expressam regionalmente, levando em consideração os limites geográficos, enquanto a diastrática se caracteriza por levar em consideração os diferentes estratos sociais. Sendo assim, "O fenômeno da variação é inerente às línguas vivas e ocorre de acordo com o uso que se faz da língua, configurando diferentes formas de expressão" (PORTILHO, 2013, p. 19).

Por mais que haja diferença na escolha lexical ao nomear determinadas coisas, o importante é que ambas as palavras selecionas "podem ser usados para fazer referência" (FIORIN, 2003, p. 122). A variação lexical é um dos tantos outros modos como uma língua pode variar. Pois, a língua "é variável e se manifesta de modo variável. Em termos gerais, podemos dizer que os falantes de uma língua utilizam elementos distintos para expressar coisas distintas e que também usam elementos linguísticos diferentes para dizer as mesmas coisas" (OLIVEIRA, 2014, p. 26).

2.2 Léxico

Quando pensamos no falar nordestino é comum as pessoas acharem que há uma uniformidade no que tange à região. Entretanto, devemos levar em consideração que uma língua varia por questões

> sociais, bem como por fatores geográficos (variação geolinguística), situacionais (variação estilística), históricos (variação histórica) e pode ser encontrada quase que em todos os níveis da língua desde o mais concreto – fonético/fonológico – ao mais vasto – discurso – atravessando a gramática e o léxico. (OLIVEIRA, 2014, p. 27).

Segundo D'Anunciação (2016, p. 21), "O léxico representa todo o conjunto de palavras que as pessoas de uma determinada língua têm à sua disposição para se expressar, oralmente ou por escrito". A partir desse conceito, afirmamos a relação existente entre língua e sociedade, uma vez que o léxico constitui um sistema linguístico transformado e adaptado pelos falantes de acordo com suas necessidades circunstanciais reais de interação oral e/ou escrita.

Oliveira (2014, p. 40), por sua vez, descreve que

> O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma sociedade. Por conta disso, torna-se testemunha da história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a governam. É possível considerar como princípio o fato de que um vocábulo é aceito como elemento da língua a partir do momento em que ele passa a exprimir todos os valores de determinado grupo social e, principalmente, passa a satisfazer suas necessidades de comunicação.

Quando Oliveira descreve que os vocábulos representam uma herança sociocultural, ele está querendo enfatizar que as atitudes linguísticas adotadas pelos sujeitos atuam como uma representação identitária que demarca seu espaço geográfico, seu perfil de comunidade e o grupo social nos quais estão inseridos.

Além disso, o "vocabulário de um grupo social atesta seus valores, suas crenças e a forma como nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história" (ISQUERDO, 2003, p. 165).

Segundo Costa (2012, p. 55), "os usuários da língua têm à sua disposição todo o sistema linguístico, com suas possibilidades de realização abertas para as escolhas individuais e coletivas dos falantes." Interferem nessas possibilidades de realização, fatores geográficos, sociais, econômicos, políticos, entre outros.

Partindo desses pressupostos, é pertinente que destaquemos quatro disciplinas principais que estudam o léxico sob diferentes aspectos: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Fraseologia. A princípio pontuaremos que a primeira se ocupa de três aspectos: da análise das palavras, da estrutura do léxico e da categorização lexical. A Lexicografia, segundo Pontes e Monteiro (2014, p. 246), é a ciência dos dicionários, se ocupa, portanto, da macro e da microestrutura dos dicionários. Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, essa ciência, permite que variantes que normalmente são deixadas de lado sejam cogitadas a fazer parte de um de um corpo textual de um dicionário. É relevante salientarmos que esse estudo tem passado por transformações bem acentuadas, devido a isso, a lexicografia não se limita mais somente a esse papel, o que se observa é que ela se adaptou as necessidades do seu público alvo.

A Terminologia é um campo do conhecimento que está responsável por estudar a linguagem de um campo específico do conhecimento. E, por último, a fraseologia preocupa-se em estudar as construções linguísticas mais complexas da língua, ou seja, preocupa-se com a organização semântico-lexical constituída a partir de duas ou mais lexias simples.

Assumimos que a língua é um sistema linguístico do qual o indivíduo se vale para se comunicar e nomear coisas, e que atua como o principal registro de evidências da identidade de uma comunidade de fala. Em função disso, vale a pena salientarmos que o léxico de uma língua, ao dar nomes às coisas, atua como um registro de conhecimento universal:

> O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. (COSTA, 2012, p. 35).

Não somente isso, mas também atua como "um patrimônio social, preexistente aos indivíduos, [que] classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade, por exemplo" (BIDERMAN, 2001, p. 13). A partir dessa herança lexical, compreendemos as distintas mutações sócio-históricas de determinadas entidades de fala "Sendo assim, o léxico apresenta "pistas" do contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade linguística". (BENKE, 2012, p. 23). Sob essa mesma ótica, para Isquerdo (1996, p. 93), "o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade, uma vez que registra as diferentes mutações ocorridas na sociedade, enfim, as diversas formas de conhecimento que nela se instauram". A partir disso, notamos que haverá sempre particularidades que irão diferenciar um grupo de outro.

2.3 Dialetologia

"O português do Brasil é diversificado em todos os rincões do território nacional" (NUNES, 2017, p. 41), por isso, muitos linguistas interessaram-se em estudar a língua portuguesa usada na vasta extensão do território brasileiro. É nítido que a língua, por ser dinâmica, assume particularidades de variações de uso de uma região para outra.

Em meados do século XX, a partir dos estudos de Nascentes, foram propostos estudos a respeito da dialetologia no Brasil. Tal estudo foi dividido em duas etapas. Sendo a primeira etapa no ano de 1826 e a segunda etapa em 1920. Para Cardoso (2003, p. 186) "a primeira fase atribuiu a importância de reunir as manifestações iniciais de caráter dialetal, direcionadas, basicamente, para os estudos semânticos- lexicais".

Como representante da primeira fase destaca-se Borges de Barros, o qual fora muito importante no início da história dialetal do português do Brasil, pois através da sua publicação

no livro de Adrien Balbi, Amadeu Amaral publica *O dialeto caipira*, dando início aos estudos sobre a realidade do léxico e suas especificidades no português brasileiro. “Para Amaral até aquela época não se sabia qual a real configuração de tal dialetação, embora fosse evidente a sua existência, pois o falar do Norte do Brasil era diferente do falar do Centro e do Sul” (OLIVEIRA, 2014, p 33).

Com a publicação do livro e o início dos estudos dialetais, é evidente que ainda existia um enorme desconhecimento de como se encontravam os fenômenos linguísticos do país, por essa razão, Amaral fará um comentário que será pertinente ao que estamos discutindo neste tópico, pois:

> um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um. (AMARAL, 1920, p. 15.).

Tal publicação marcaria o início da segunda fase mencionada por Cardoso e Ferreira (1952), pois *O dialeto caipira* forneceria subsídios importantes para aqueles que o sucederiam no campo da Dialetologia e serviria de fundamentação para um trabalho sério. A publicação nasceu “da preocupação de Amaral com o processo de dialetação do português brasileiro”. (CARDOSO, 2010, p. 134).

Dois anos após Amadeu Amaral fazer sua publicação em 1920, Antenor Nascentes publicou *O linguajar carioca* em 1922. “Nascentes propõe uma divisão dialetal do português do Brasil, com vistas a demarcar a realidade linguística brasileira” (NUNES, 2017, p. 42). Em sua obra é possível notar uma divisão no falar brasileiro. Ou seja, para ele com a enorme extensão do território brasileiro é palpável a diferença que existe entre a fala cantada pelos nordestinos e a fala descansada dos paulistas. Devido a observação feita por ele sobre essa diferença no falar, Nascentes propõe uma divisão dialetal no Brasil, com a finalidade de demarcar a realidade linguística do país, argumentando: “Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (NASCENTES, 1953, p. 24). Para melhor ilustrar essa divisão dialetal proposta por Nascentes, observemos o mapa a seguir.

Figura 01: Divisão dialetal proposta por Nascentes (1950).

Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Até a atualidade, esses parâmetros feitos por Nascentes têm servido de base para os estudiosos da área da Dialetologia. Além disso, é importante salientarmos que além de contribuir no que tange ao conhecimento sobre o dialeto carioca, colaborou também em aspectos de natureza fonética, morfológica e da sintático.

"Por meio da Dialetologia, obtém-se uma investigação mais aprofundada de áreas e localidades, examinadas nos diferentes níveis que a língua oferece, buscando-se, assim, a descrição plena do falar das áreas consideradas" (CARDOSO, 2010, p. 11), pois essa ciência estabelece ligações geográficas com certos usos linguísticos. Para tanto, quando se fala em língua portuguesa ou em qualquer outra língua, é importante que o indivíduo compreenda que a língua não atua como um monobloco, ou seja, unificada. Conforme seu usuário a utiliza, se

nota que ela apresenta uma diversificada gama de variações. Como supracitado anteriormente, a Dialetologia se encarrega em "se estabelecer fronteiras geográficas, relacionando-as aos fatos linguísticos, ou seja, ela foca seu estudo nos fatores regionais com o objetivo de traçar contrastes e/ou semelhanças no espaço geográfico" (D'ANUNCIAÇÃO, 2016. p. 26).

Com os primeiros passos da Dialetologia a partir dos estudos de Amadeu Amaral e Antenor Nascentes, teremos outros estudiosos da área da dialetologia que abordaram a variação que as línguas apresentam, além dos dois supracitados teremos os estudos de Cardoso (2016, p. 13), definirá em seu trabalho sobre o que viria ser a Dialetologia e descreverá os objetivos dessa ciência. Argumentará que:

> Os objetivos da Dialetologia visam: (i)descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e; (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas. (MELLICA E JUNIOR, 2016, p.13).

Depois de estabelecer os objetivos principais da Dialetologia, compreendemos que ela não se ocupa somente do estudo dos dialetos, mas também sobre a variação dialetal. Uma vez que no plano geográfico, a dialetologia identifica a variedade que uma língua pode apresentar em uma comunidade de fala.

2.4 Geolinguística

A Geolinguística é o "Método de que se utiliza a dialetologia para localizar especialmente as variações das línguas umas em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos falantes considerados". (CARDOSO, 2010, p. 198).

Com o desenvolvimento dos estudos dialetais, foi necessário um estudo que fora capaz de analisar os dados recolhidos. Para que esses dados fossem analisados e registrados recorremos a Geolinguística, pois é uma ciência que se relaciona com a geografia e não somente a língua. Através desse entrelaçamento é possível identificar as variantes não mais em uma só região, mas em várias. Por queremos compreender essa variação em seu sentido espacial, compreendemos o quão importante são os estudos da Geolingística. Além de tudo isso, nos permite abordar parâmetros diatópicos juntamente com as variações de fatores sociais, como a diastrática, diageracional, diagenérica, entre outros.

A Geolinguística por possuir como método o mapeamento de dados, a documentação dos fatos linguísticos nos permite analisar em qual situação a língua se encontra no território

brasileiro. Devido a isso, Ribeiro (2012, p. 64) nos orientará sobre algumas etapas que a Geolinguística seguirá até chegar ao mapeamento de dados.

i) No primeiro momento é preciso selecionar as redes de ponto de investigação, ou seja, fazer um estudo prévio sobre o histórico das localidades;

ii) será necessário um questionário com a temática que se pretende investigar;

iii) após a seleção das redes de pontos e criação do questionário, o entrevistador deverá se direcionar a campo e iniciar a entrevista com os informantes;

iv) após recolhido o material o pesquisador deverá analisar os dados coletas;

v) com os dados analisados, deverá ser feito o registro desses dados em cartas linguísticas.

Assim que as cartas são criadas, o pesquisador pode ter uma visão clara das formas utilizadas pelos seus falantes. Além disso, permitiram com que o linguista tenha uma perspectiva diatópica, diastrática, diagenérica e a diageracional das variantes, uma vez que se faz o controle de fatores de ordem extralinguística.

A partir dessa descrição a respeito dos procedimentos adotados pela Geolinguística, notamos a importância desse estudo para a Dialetologia, pois a documentação de fatos em determinadas regiões do país nos permitie compreender a situação na qual a língua se encontra no território brasileiro. Para Rossi (1967, p.104), “o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área”.

No que tange ao Brasil, segundo postulações de Cardoso (2010), o início da Geolinguística brasileira deu-se no começo dos estudos sistemáticos e na publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB). Além do mais, atualmente, no Brasil, os estudos já estão bem amplos, já contam com uma descrição de uma área já considerável que vai da região Sul, expandindo-se até a região Nordeste, assim como chegou ao Norte do país brasileiro. Daí por diante notamos que o trabalho de se fazer o mapeamento dessas variações linguísticas no país foi se desenvolvendo gradualmente.

3 METODOLOGIA

Levando em consideração a natureza desta pesquisa, apresentamos, neste capítulo, os procedimentos tomados para o estudo da variação lexical de *Via Láctea* nas capitais do Nordeste a partir dos aportes metodológicos da Dialetologia e, mais especificamente, da Geolinguística, com base no *corpus* do ALiB.

3.1 Caracterização do ALiB

Concebido como um projeto de caráter nacional, o ALiB ganhou força a partir do ano de 1996, numa reunião realizada em Salvador, na Bahia, durante o *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, da qual participaram pesquisadores da área da Dialetologia que assumiram o desafio da criação do Atlas.

O objetivo do ALiB é documentar dados linguísticos do Brasil de Norte a Sul, Leste a Oeste, ou seja, pretende "descrever a realidade linguística do Português Brasileiro enfatizando a identificação das diferenças diatópicas, que podem ser fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas dentro da perspectiva da Geolinguística". (OLIVEIRA, 2014, p. 37). Nele podemos encontrar subsídios que servirão de bases teóricas para muitos pesquisadores interessados em conhecer a realidade linguística do português brasileiro com base em um considerável volume de dados.

Ao se conceber o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, foram muito claramente postos os seus objetivos que podem ser, assim, resumidamente definidos como:

- Descrever a realidade linguística do Brasil;
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa subsídios para o aprimoramento do ensino;
- Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado

Com questionários já todos estabelecidos, por exemplo:

- Questionário Fonético-fonológico (QFF), com 159 perguntas;
- Questionário Semântico –Lexical (QSL), com 202 perguntas;
- Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas;
- Questões de Pragmática;
- Perguntas Metalinguísticas;

- Texto para leitura - "Parábola dos sete vimes".

Quanto à estrutura do ALiB, no que concerne à rede de pontos, "foram selecionados 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área". (ALiB, 2001. p. 2). E para se dar conta do registro da heterogeneidade do português brasileiro, em sua amplitude, foram formulados três questionários: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 perguntas, o Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas e por último o Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas.

Vale a pena salientar que "O QSL procurava documentar a variação diatópica, buscando denominações de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos." (CARDOSO, 2014, p. 85).

Com 202 perguntas, o QSL contempla 14 (quatorze) campos semânticos. Neste estudo, trabalhamos com o campo *astros e tempo*, mais especificamnete, com a questão de número 33: "Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?". Das respostas dadas a essa questão foram extraídas as unidades registradas nas cartas que documentam as variações diatópicas das noves capitais da região Nordeste e as variações de natureza social.

Para uma melhor compreensão sobre as redes de pontos estudadas, segue a carta abaixo.

Figura 02: Rede de pontos do Nordeste.

Fonte: ALiB.

3.2 *Corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído pelos dados das entrevistas realizadas oficialmente pela equipe do Projeto ALiB.

Considerando que a questão objeto deste estudo foi a de número 33: “Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?”, primeiramente, revisamos as transcrições grafemáticas dessa questão, cedidas pelo Comitê ALiB, com base nos áudios originais das entrevistas realizadas nas 09 (nove) capitais do Nordeste: São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE) e Salvador (BA).

Essas capitais são identificadas por uma numeração estabelecida para identificar a rede de pontos de inquéritos do ALiB, conforme quadro a seguir.

Tabela 01 – Rede de pontos da região Nordeste.

ESTADO	CAPITAL	PONTO
Maranhão	São Luís	026
Piauí	Teresina	034
Ceará	Fortaleza	041
Rio grande do Norte	Natal	053
Paraíba	João pessoa	061
Pernambuco	Recife	070
Alagoas	Maceió	077
Sergipe	Aracaju	079
Bahia	Salvador	093

Fonte: Autora.

3.3 Contextualização geográficas das capitais nordestinas investigadas

A região Nordeste ocupa a maior área litorânea do país, sendo composta por nove capitais: São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João Pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE) e Salvador (BA).

Cada capital possui seu diferencial cultural, gastronômico, geográfico, de fauna, de flora, entre muitos outros que particularizam o falar nordestino.

Um dos primeiros registros documentais que temos a respeito do falar nordestino é o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), inspirado por Nelson Rossi. Essa obra pioneira contou com uma rede de pontos de 50 localidades, distribuídas pelas 16 zonas fisiofráficas do Estado, e possuiu um questionário com 182 perguntas. O Atlas teve por objetivo fazer o mapeamento da área e do falar baiano. Sob a ajuda financeira da Universidade Federal da Bahia, conseguiram, em 1963, completar seu objetivo.

Posteriormente, foram publicados o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), em 1997, o Atlas Linguístico da Paraíba, em 1984, o Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), que começou sua história no ano de 1978, porém, foi publicado apenas em 2010, entre outros.

3.4 Perfil dos informantes

Trabalhamos com entrevistas de informantes de cada uma das capitais nordestinas. Para que os dados fossem coletados com o rigor necessário, os informantes foram 04 (quatro) homens e 04 (quatro) mulheres; preferencialmente, filhos de pais nascidos nas capitais investigadas; pertencentes às faixas etárias: I – (18 a 30 anos) e II – (50 a 65 anos), e alfabetizados: 04 (quatro) informantes com Ensino Fundamental e 04 (quatro) com nível superior.

O quadro a seguir permite uma melhor visualização do perfil dos informantes deste estudo.

Tabela 2- perfil dos informantes.

Informante	Faixa etária	Sexo	Escolaridade
1	18 a 30 anos	Masculino	Fundamental
2	18 a 30anos	Feminino	Fundamental
3	50 a 65 anos	Masculino	Fundamental
4	50 a 65 anos	Feminino	Fundamental
5	18 a 30 anos	Masculino	Superior
6	18 a 30 anos	Feminino	Superior
7	50 a 65 anos	Masculino	Superior
8	50 a 65 anos	Feminino	Superior

Fonte: Autora.

3.5 Etapas da pesquisa

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram seguidos, em suma, os seguintes passos:

a) nos primeiros meses de organização desta monografia, selecionamos textos teóricos e trabalhos acadêmicos desenvolvidos com dados do Questionário Semântico-Lexical do ALiB que serviriam de suporte para leituras e consultas fundamentais, ou seja, fizemos a pesquisa bibliográfica para constituir nosso referencial teórico;

b) no segundo momento, definimos com maior precisão a metodologia que seria aplicada para o desenvolvimento do nosso estudo;

c) posteriormente, revisamos as transcrições com base nos áudios e montamos uma tabela no Excel para organização dos dados;

d) procedemos à análise das entrevistas transcritas;

e) após as análises foram confeccionadas as cartas linguísticas.

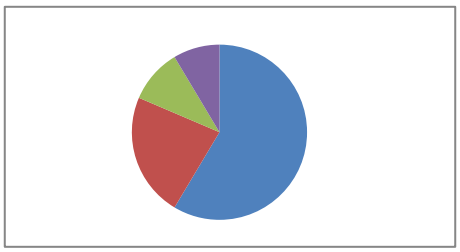
3.6 Cartas linguísticas

O registro das variantes linguísticas encontradas na rede de pontos estabelecida pelo ALiB é feito em cartas linguísticas, o que permitie ao pesquisador uma melhor visualização das variantes obtidas.

Por essa razão, primeiramente, fizemos uma carta linguística geral, com o intuito de mostrar todas as variantes coletadas na região Nordeste do Brasil, logo após, produzimos cartas diatópicas com as variantes linguísticas coletadas em cada uma das 09 (nove) capitais nordestinas. Num terceiro momento, elaboramos cartas linguísticas de fatores sociais considerando as duas variantes lexicais mais recorrentes na região Nordeste.

As cartas utilizadas neste trabalho são modelos de cartas utilizadas pelo ALiB. Para que houvesse uma melhor compreensão da carta, foi utilizado o seguinte símbolo para demarcar as variantes nas capitais:

Símbolo 01: Demonstrativo de demarcação das variantes nas cartas linguísticas



Fonte: Autora

Como nas cartas do ALiB, também utilizamos o gráfico em modelo de pizza. Cada cor contida no gráfico representa uma variante lexical identificada em cada uma das localidades investigadas e os tamanhos das fatias da pizza representam o percentual de ocorrência das variantes

Nas cartas linguísticas elaboradas, mais especificamente nos gráficos dessas cartas, não apresentamos a resposta dos informantes que não sabiam ou não lembravam como se chama *a faixa ou banda de estrelas que se encontra no céu*. Estabelecemos como critério, portanto, o registro nos gráficos apenas das variantes apresentadas pelos informantes.

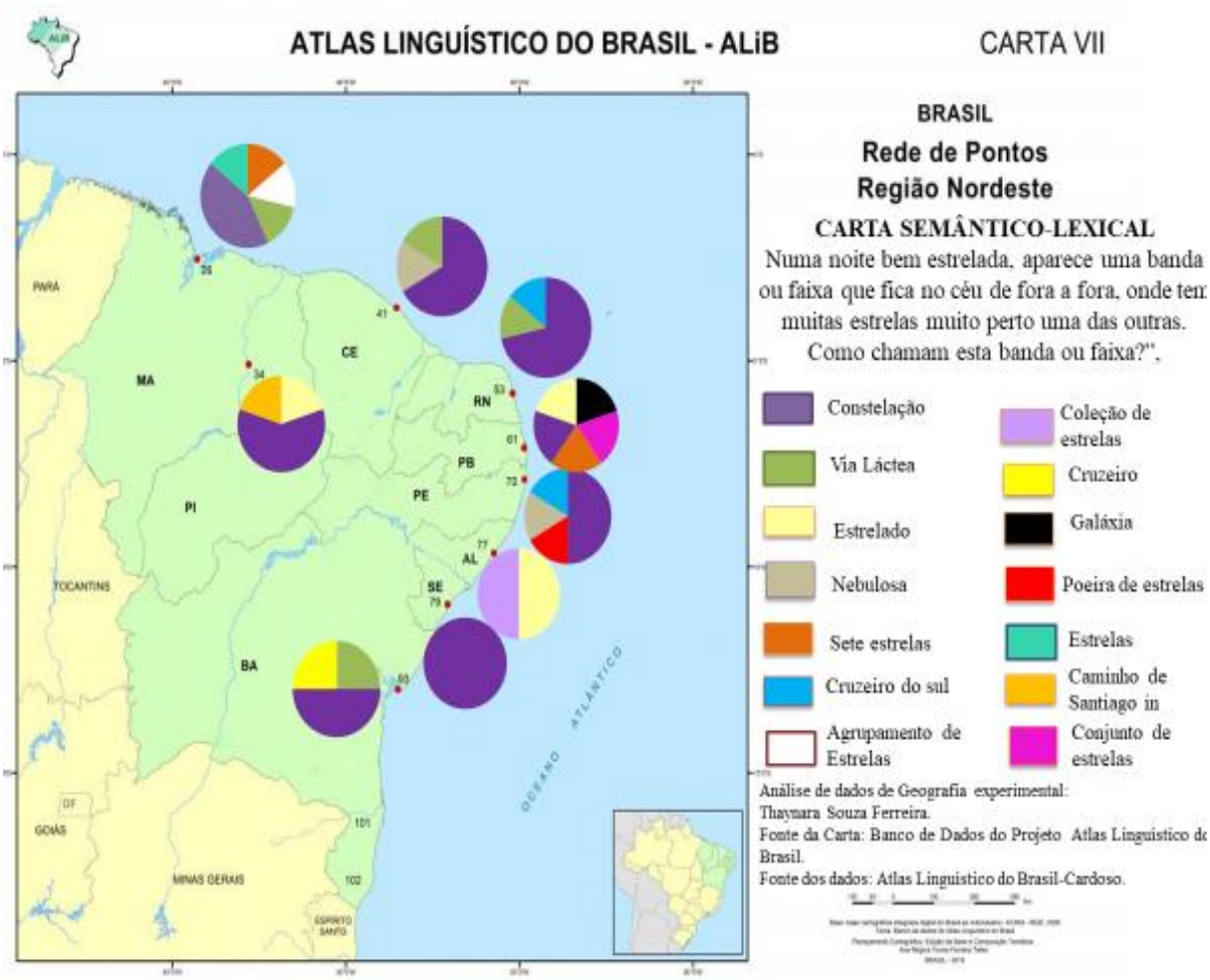
4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados sobre a variação lexical referente a *Via Láctea* — objeto da questão 33 do QSL/ALiB: “Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?” — nas 09 (nove) capitais da região Nordeste do Brasil.

Para tanto, foram feitas 13 (treze) cartas linguísticas que evidenciam tanto as variantes lexicais usadas no Nordeste brasileiro para *Via Láctea* quanto a atuação de fatores diatópicos, diagerecionais, diagenéricos e de escolaridade na variação desse item lexical.

4.1 Análise do fator diatópico

Carta linguística 01 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* nas capitais do Nordeste



Fonte: Autora

A carta linguística 01 permite uma melhor visualização das variantes linguísticas para *Via Láctea* encontradas em cada uma das 09 (nove) capital da região Nordeste.

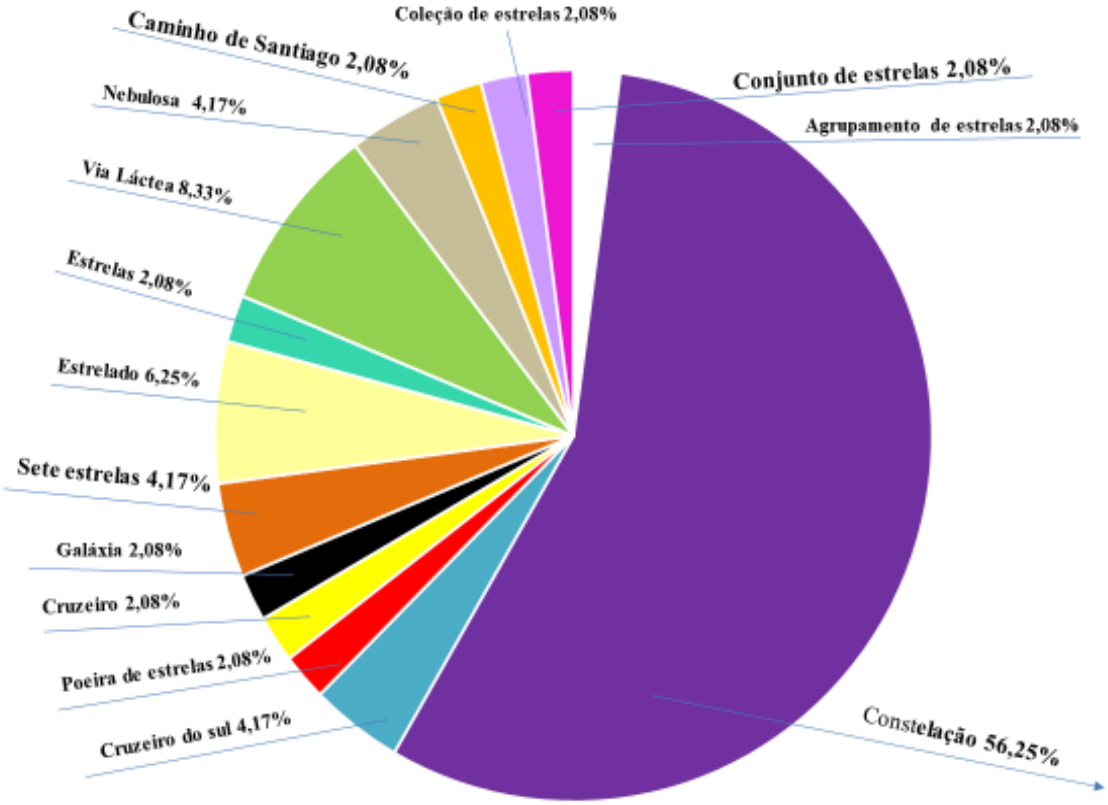
Por ordem decrescente de percentual de ocorrência, ou seja, de maior recorrência, as variantes lexicais registradas nas capitais nordestinas foram: *constelação* (56%); *via láctea* (8,33%); *estrelado* (6,25%); nebulosa (4,17%); *sete estrelas (*4,17%); *cruzeiro do sul (4,17%); agrupamento de estrelas* (2,08%); *coleção de estrelas* (2,08%); *cruzeiro* (2,08%); *galáxia* (2,08%); *poeira de estrelas* (2,08%); *estrelas (2,08%); caminho de santiago* (2,08%) *e conjunto de estrelas* (2,08%).

É impreterível ressaltarmos que, entre as 14 (quatorze) variantes obtidas, há algumas cuja validação é passível de questionamento para o objeto em estudo. Por exemplo, *estrelado* e estrelas resultaram, muito provavelmente, do fato do informante não saber ou não lembrar da resposta e como na pergunta feita aparece tanto a palavra "estrelada" quanto "estrelas", ele ou ela pode ter se baseado nisso para fornecer *estrelado* ou *estrelas*. Outras lexias cuja validação é passível de questionamento é *nebulosa* e *galáxia*, se analisarmos seus semas constitutivos. *Galáxia*, por exemplo, se refere a tudo o que está no corpo celestial.

Considerando as variantes lexicais de maior ocorrência na região Nordeste – *constelação e via láctea* –, destacamos que a primeira teve registros nas capitais de São Luís, Natal, Fortaleza, Teresina, Recife, Aracaju, Salvador e João Pessoa, enquanto a segunda apareceu, apenas, em São Luís, Natal, Fortaleza e Salvador.

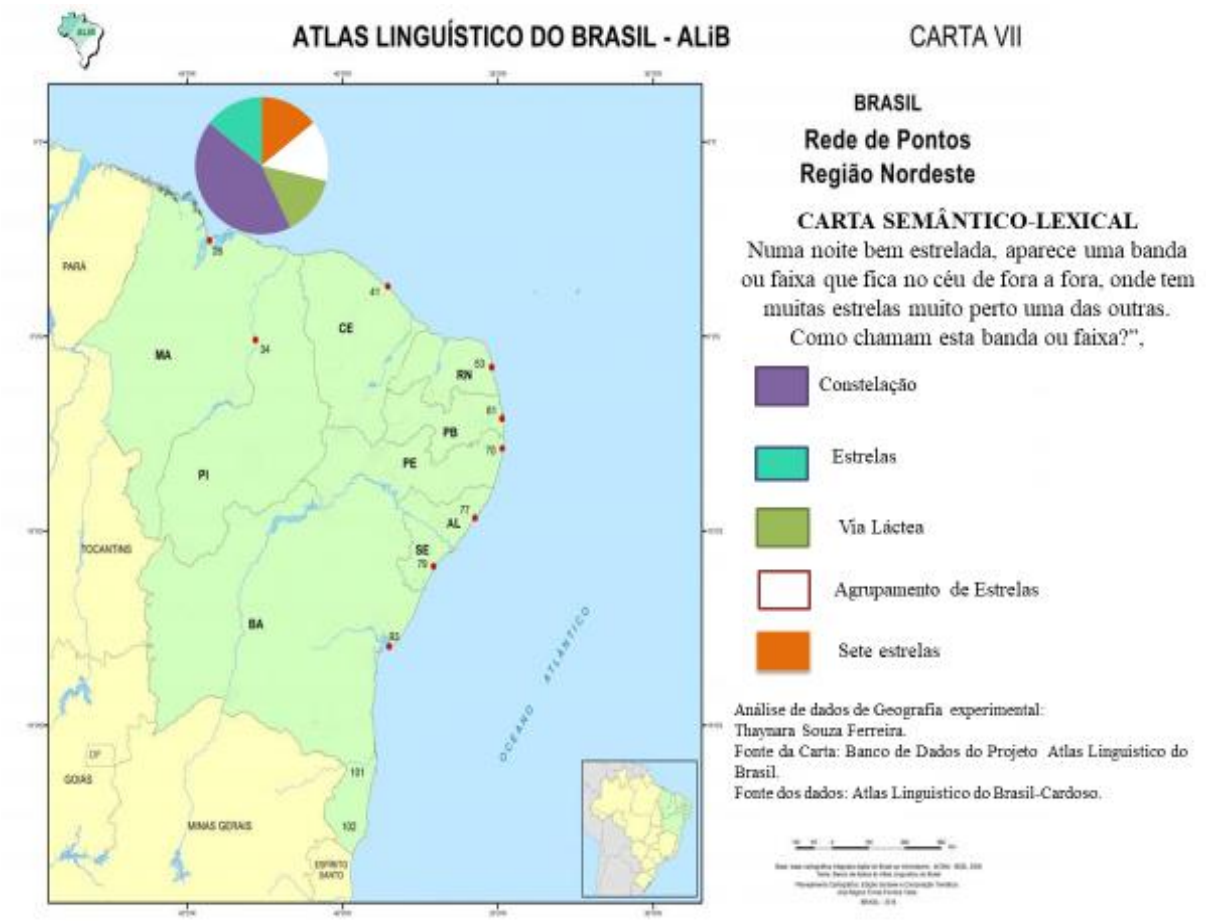
Para uma melhor visualização das variantes encontradas nas noves capitais e de suas porcentagens segue-se o gráfico.

Gráfico 01: Percentual das ocorrências para *Via Láctea* nas nove capitais da região Nordeste.



Fonte: Autora

Carta linguística 02 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* na cidade de São Luís (MA)

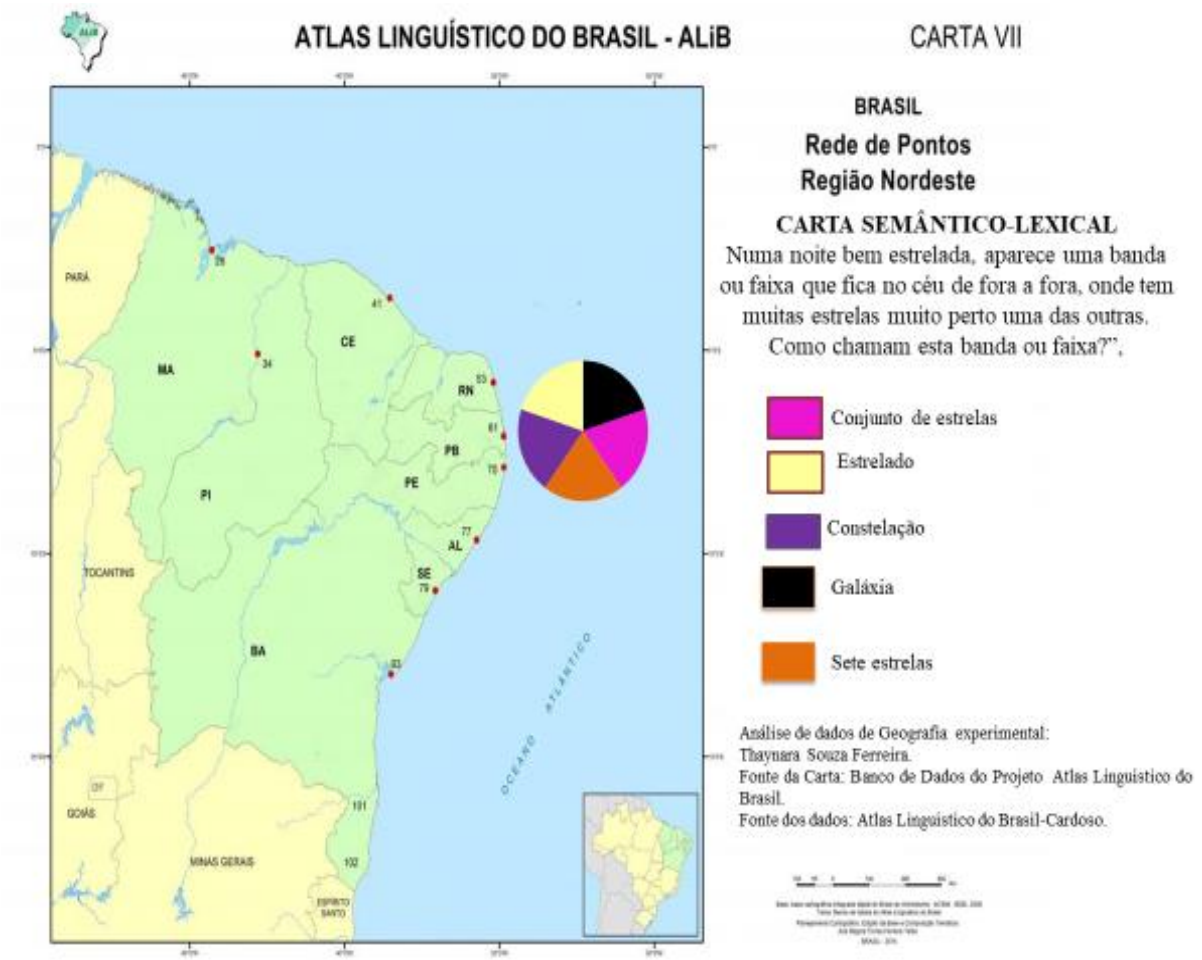


Fonte: Autora.

Conforme notamos carta linguística de número 02, em São Luís (026) houve o registro de 05 (cinco) variantes: *constelação* (50%); *via láctea* (12,5%); *estrelas* (12,5%); *agrupamento de estrelas* (12,5%) e *sete estrelas* (12,5%).

Assim, a variante de maior recorrência na capital maranhense foi *constelação*, com 50% de ocorrência.

Carta linguística 03 – Variantes linguísticas para Via Láctea na cidade de João Pessoa (PB).

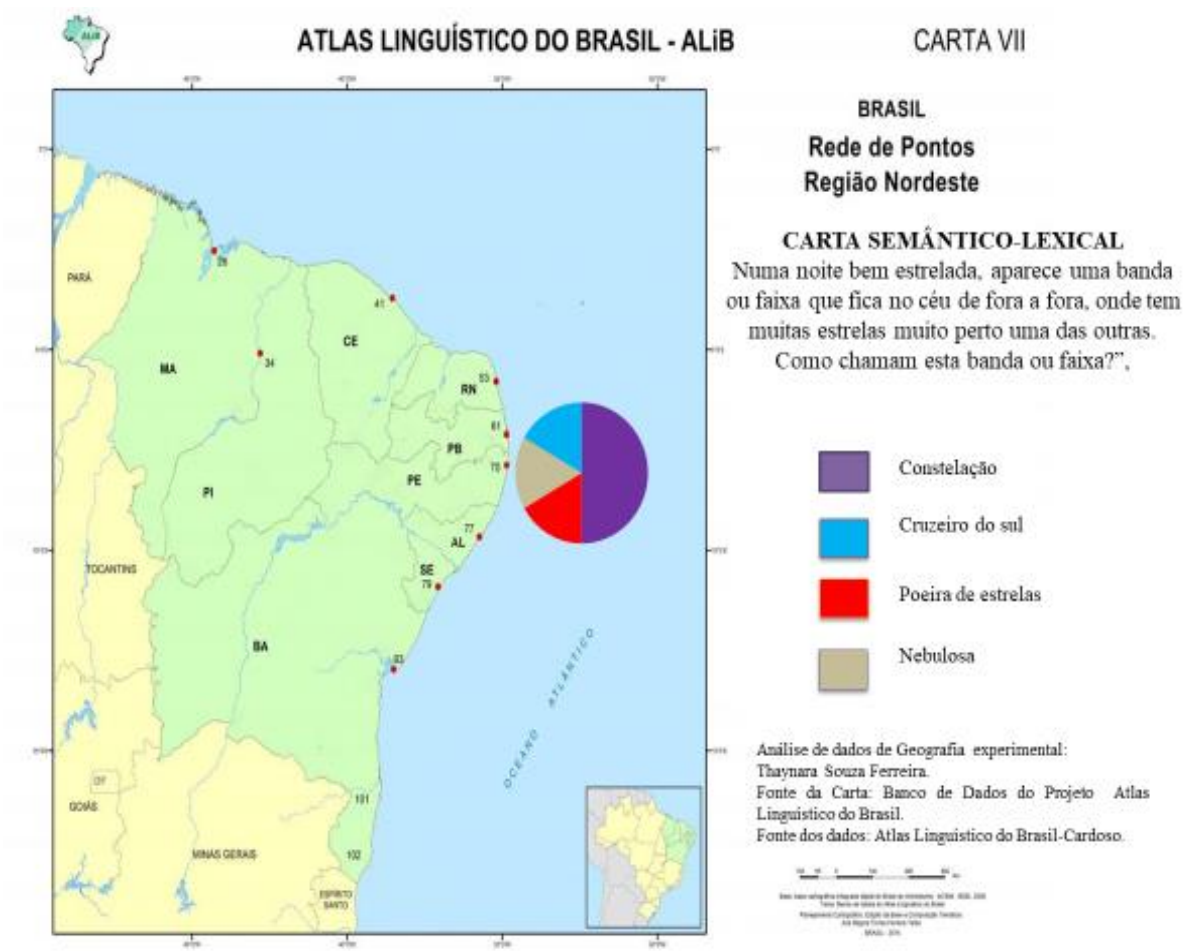


Fonte: Autora

A carta linguística 03, além de registrar o uso de *constelação* (20%), variante que também aparece em São Luís (026), evidencia outras variantes usadas na capital paraibana, João Pessoa (061), para uma "banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras": *conjunto de estrelas* (20%), estrelado (20%), *constelação; galáxia* (20%) *e sete estrelas* (20%).

Com base nesses dados, constatamos que não há uma lexia predominante em João Pessoa para nomear *via láctea* uma vez que as variantes catalogadas obtiveram igual percentual de registro nessa capital, apesar da diversidade cultural e social dos informantes da capital paraibana.

Carta Linguística 04 – Variantes linguísticas para a *Via Láctea* na cidade de Recife (PE).

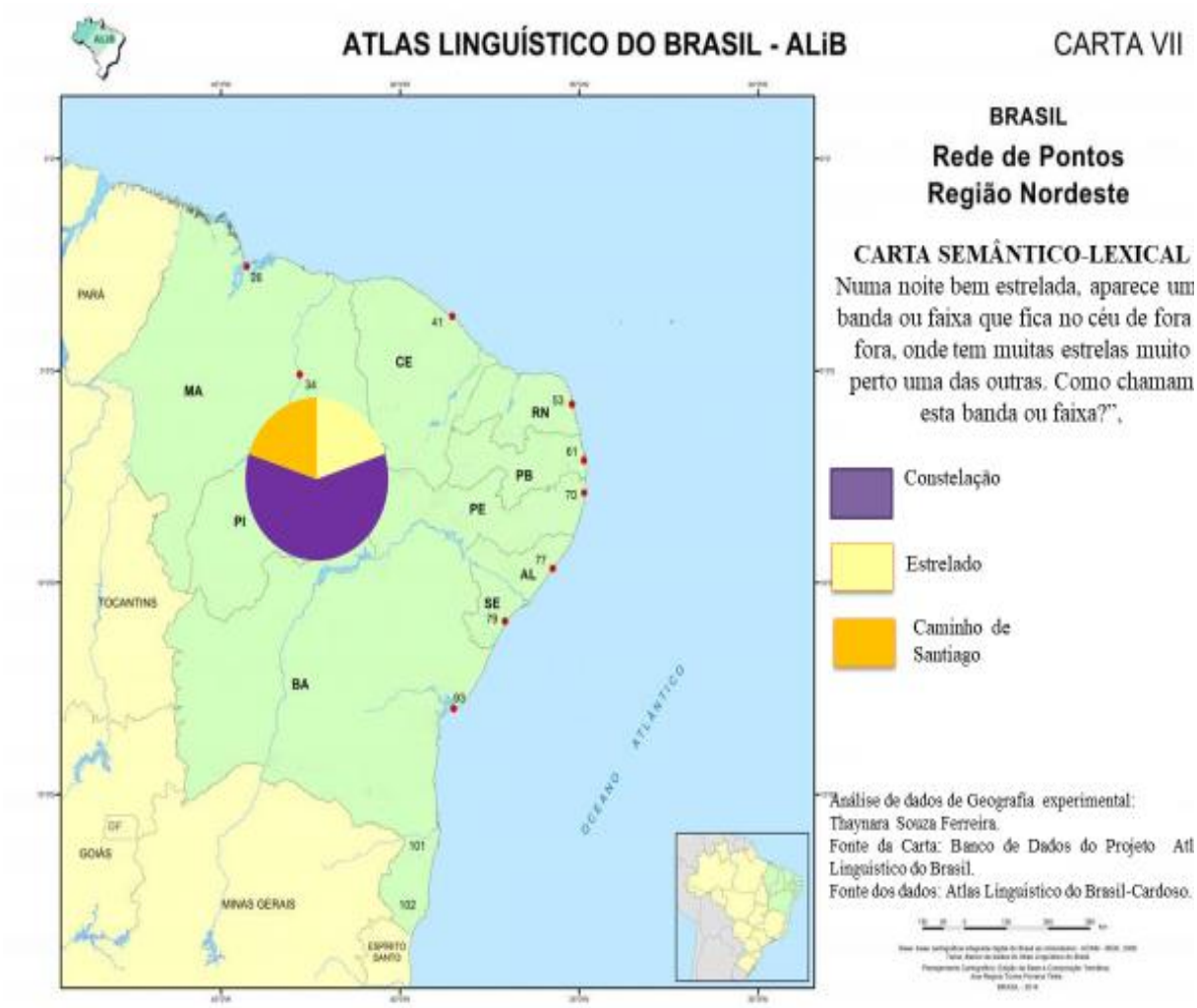


Fonte: Autora.

Em Recife (070), segundo a carta linguística 04, há uma considerável diversidade lexical para nomear *via láctea*, a saber: *constelação* (50%); *cruzeiro do sul* (16.6%); *poeira de estrelas* (16.6%) *e nebulosa* (16.6%) embora somente 04 (quatro) dos informantes tenham respondido à questão 33 do QSL/ALiB.

O que nos chama atenção na capital pernambucana é que *poeira de estrelas*, diferentemente do registrado nas cartas anteriores de São Luís e João Pessoa, aparece somente nessa capital.

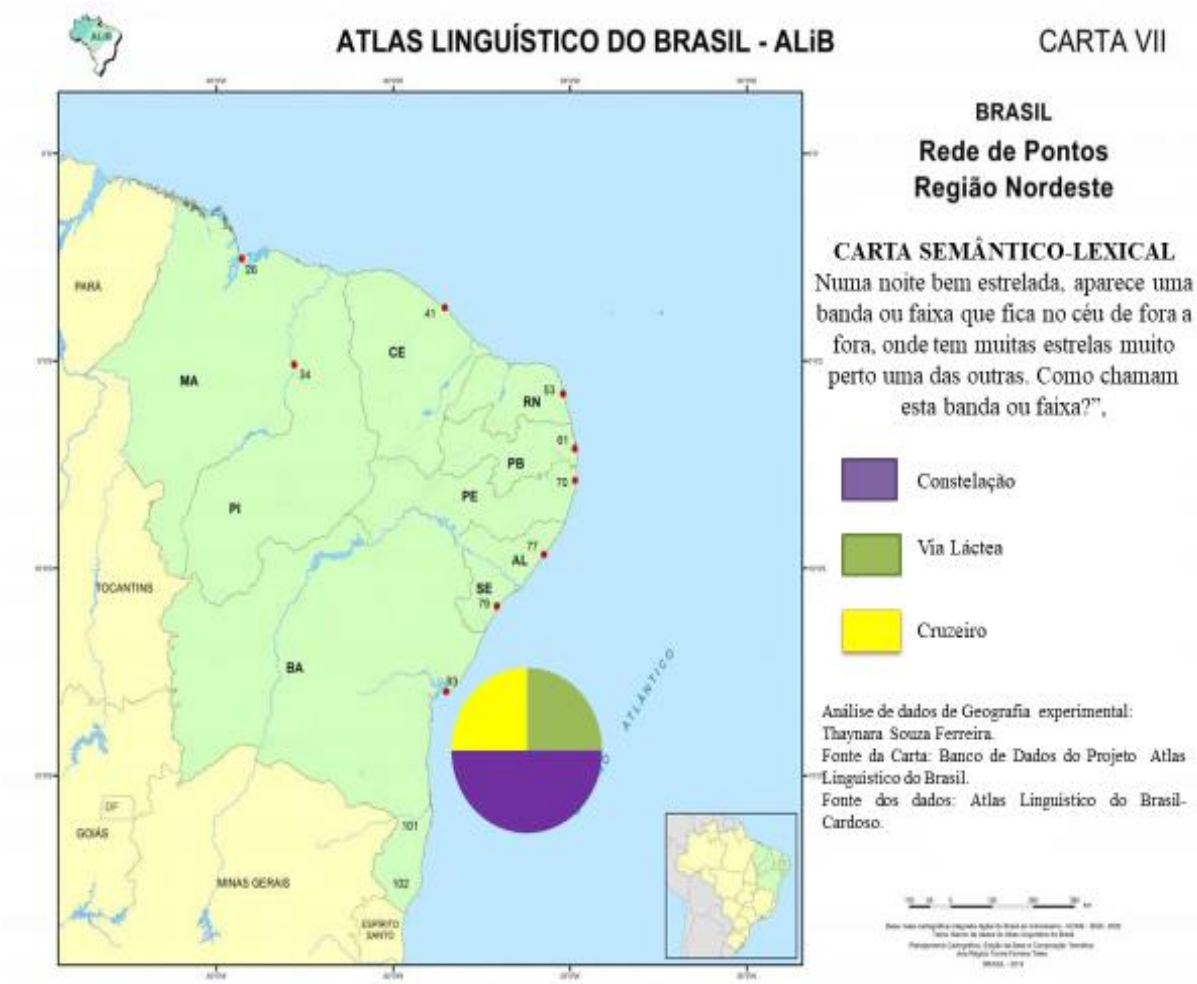
Carta linguística 05 – Variantes linguísticas para Via Láctea na cidade de Teresina (PI).



Fonte: Autora.

Os dados analisados em Teresina (034) demonstram o uso de 03 (três) variante nessa capital: *constelação* (60%); *estrelado* (20%) *e caminho de Santiago* (20%). Somente na capital piauiense houve o registro da variante caminho *de Santigo*.

Carta linguística 06 – Variantes linguísticas para Via Láctea na cidade de Salvador (BA).

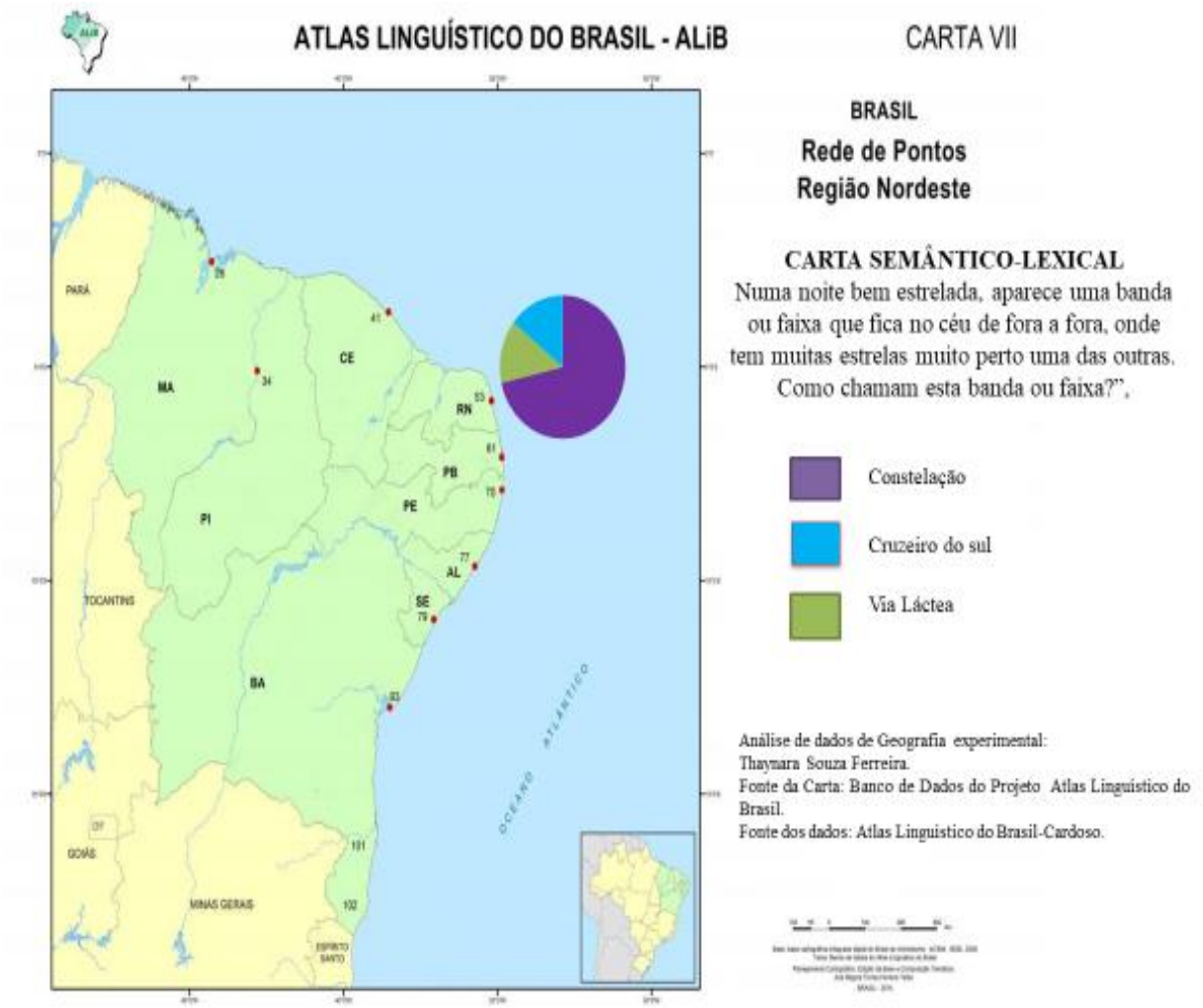


Fonte: Autora

Dos 08 (oito) informantes entrevistados, apenas 03 (três) apresentaram lexias para o objeto da questão 33 do QSL/ALiB, os outros 05 (cinco) não sabiam ou não lembravam como se chamava *a faixa ou banda de estrelas que se encontra no céu.*

Podemos visualizar na fotografia diatópica que a carta linguística 06 nos possibilita que, em Salvador (093), houve a ocorrência das seguintes variantes linguísticas: *constelação* (50%); *via láctea* (25%) *e cruzeiro* (25%).

Carta linguística 07 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* na cidade de Natal (BA).

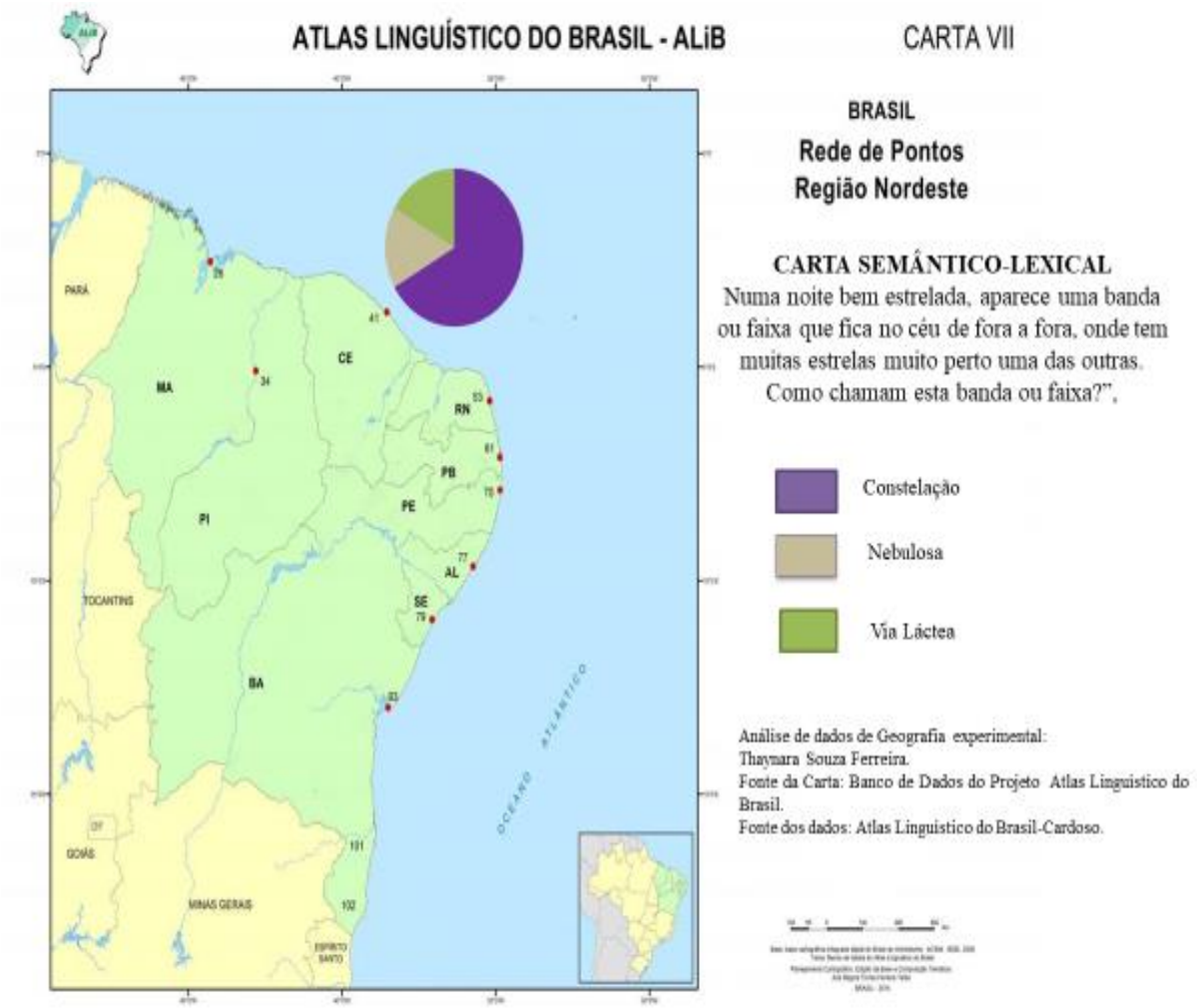


Fonte: Autora

A carta linguística 07 evidencia que, na capital Natal (053,) houve o também 03 (três) variantes: *constelação* (71%); *cruzeiro do sul* (14,5%) *e via láctea (14,5%)***.**

Mas uma vez, notamos que a variante de maior recorrência para a questão 33 do QSL-ALiB foi *constelação*, com 71% de ocorrência.

Carta linguística 08 – Variantes linguísticas para Via Láctea na cidade de Fortaleza (CE)

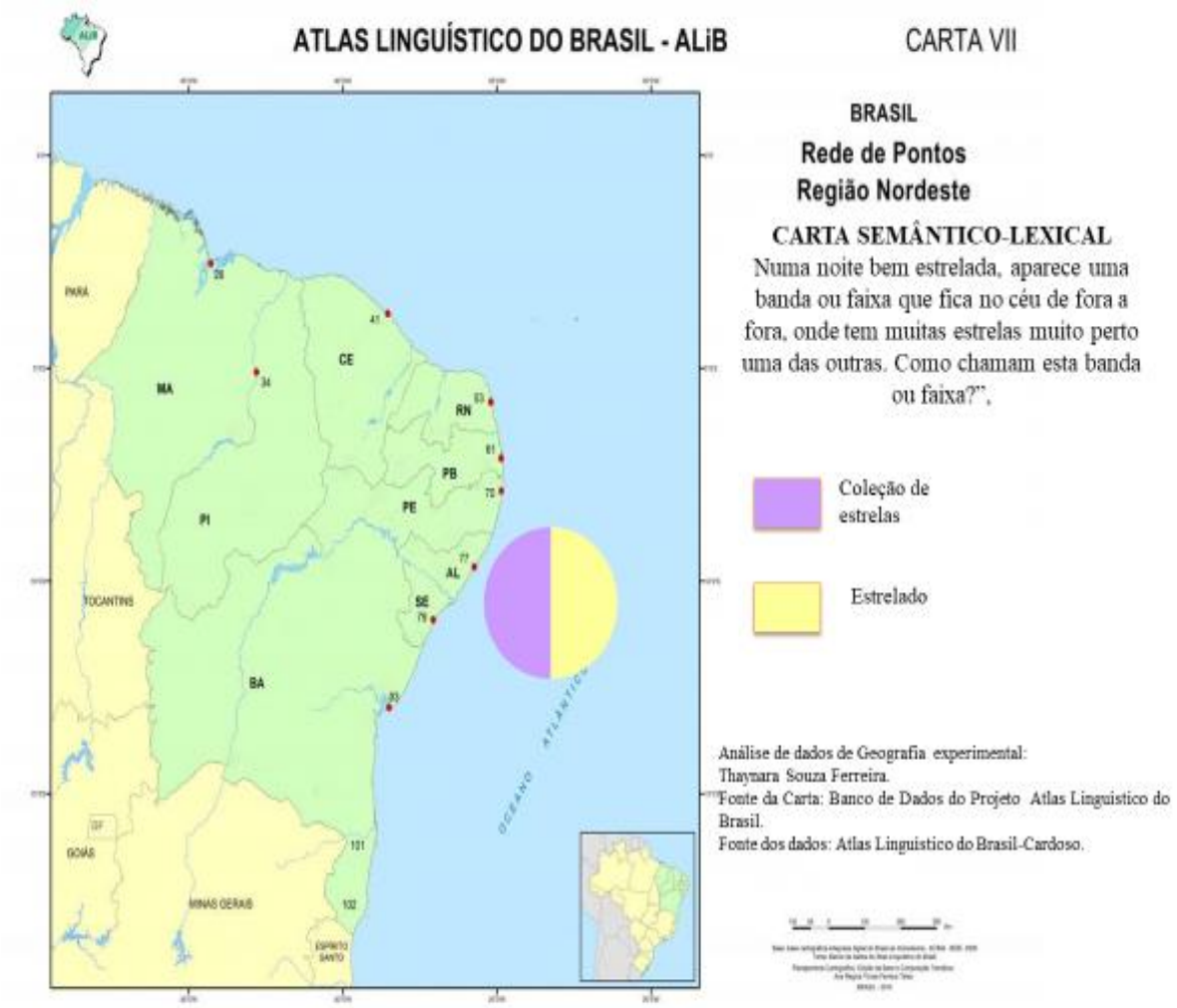


Fonte: Autora

Podemos visualizar, na carta linguística 08 (oito), que as variantes mais recorrentes na capital Fortaleza (041) foram *constelação* (67%); *via láctea* (16.5%) e *nebulosa (*16.5%).

Do ponto de vista geral, notamos quem na capital cearense, a variante *constelação*, caracterizando o ocorrido na região Nordeste do Brasil como um todo, é a que tem índice de maior recorrência entre os informantes.

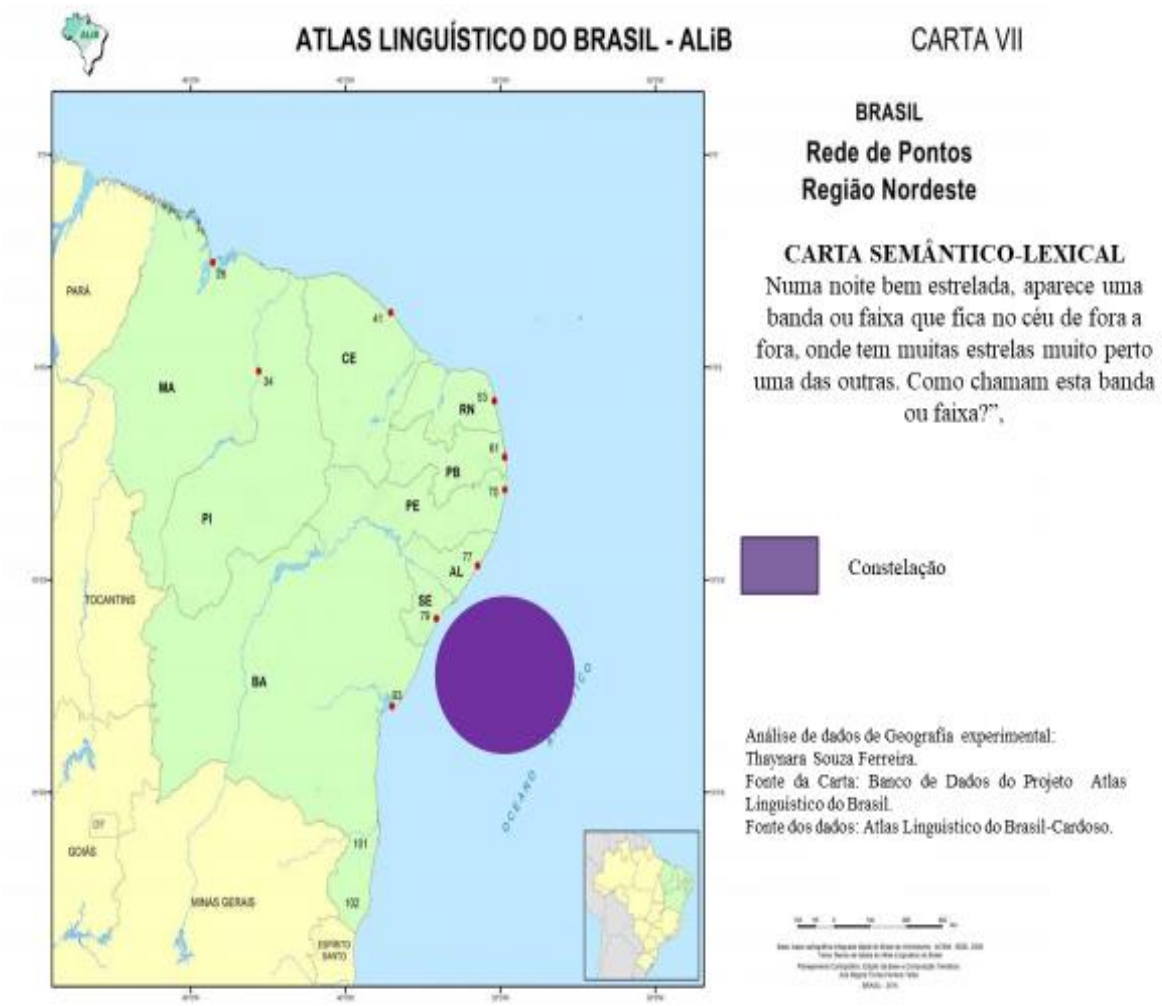
Carta linguística 09 – Variantes linguísticas para Via Láctea na cidade de Maceió (AL)



Fonte: Autora

De acordo com essa carta, houve o registro de somente 02 (duas) variantes na capital de Alagoas*: coleção de estrelas* (50%) e *estrelado* (50%). Vale a pena ressaltarmos na análise dos dados dessa capital que, dos 8 (oito) informantes entrevistados somente 02 (dois) responderam à questão de número 33 do QSL/ALiB e que Maceió (077) foi a única capital nordestina em que não houve o registro da variante categórica *constelação*.

Carta linguística 10 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* na cidade de Aracaju (SE).



Fonte: Autora.

E, por fim, na capital Aracaju (079), houve a ocorrência de apenas 01 (uma) lexia *constelação* (100%). Dos 8 (oito) entrevistados, somente 04 (quatro) responderam o que se pedia, os demais argumentaram não saber ou não lembrar da resposta.

Tabela 03: Variantes, quantidades e porcentagens de designações dadas a *Via Láctea* nas 09 (nove) capitais do Nordeste

Variante	Quantidade	Percentual
Constelação	27	56,25%
Via Láctea	4	8,33%
Estrelado	3	6,25%
Nebulosa	2	4,17%
Sete estrelas	2	4,17%
Cruzeiro do sul	2	4,17%
Agrupamento de estrelas	1	2,08%
Coleção de estrelas	1	2,08%
Cruzeiro	1	2,08%
Galáxia	1	2,08%
Poeira de estrelas	1	2,08%
Estrelas	1	2,08%
caminho de santiago	1	2,08%
conjunto de estrelas	1	2,08%
	48	100,00%

Fonte: Autora

Nesta tabela podemos ter uma melhor visualização das 14 (quatorze) variantes, assim como de suas porcentagens. Estas estão distribuídas por ordem decrescente. Observamos que as ocorrências *constelação* e *via láctea* aparecem com maior número de produtividade. Sendo a primeira com 56,25% e a segunda 8,33%. Por essa razão, nas próximas cartas de fatores sociais, essas duas variantes são nossas prioridades de análise no que tange aos fatores diagenérico, diageracional e diastrático. Não que as outras que pareceram não sejam relevantes, porém levamos em consideração somente essas duas nos fatores sociais.

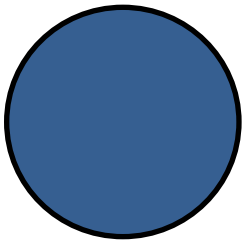
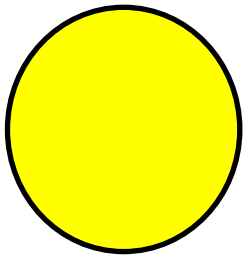
Vale a pena apontar que além dessas 14 (quatorze) variantes dadas pelos informantes, muitos deles afirmaram não saber a resposta ou não lembraram. O que acabou também contribuindo nessas porcentagens.

4.2 Análise dos fatores sociais

As cartas linguísticas a seguir permitirão uma melhor visualização das variantes distribuídas de acordo com as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade em cada capital nordestina.

Para tanto, foram utilizados os seguintes símbolos nas cartas:

Tabela 04: Representação de significação para análise de fator escolaridade, sexo e faixa etária.

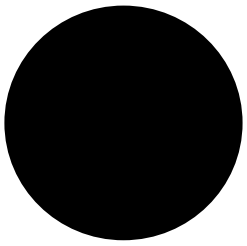
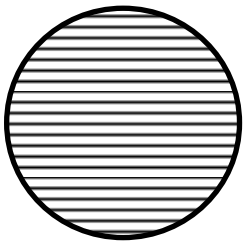
TABELA DE FIGURAS QUE REPRESENTAM: SEXO, ESCOLARIDADE E FAIXA ETÁRIA.	
	

Fonte: Autora

O círculo azul simboliza a faixa etária I, dos 18 a 30 anos, assim como o Ensino Fundamental e o sexo masculino. Enquanto o círculo amarelo representa a faixa etária II, de 50 a 65 anos, o Ensino Superior e o sexo feminino.

Outros símbolos que aparecerem no gráfico são os de cores totalmente preenchidas e os de cores esvaziadas. Eles fazem referência às variantes que tiveram maior índice de ocorrência na análise dos dados dos informantes. Seguem-se as imagens.

Tabela 05: Representação das variantes: *Constelação* e *Via Láctea.*

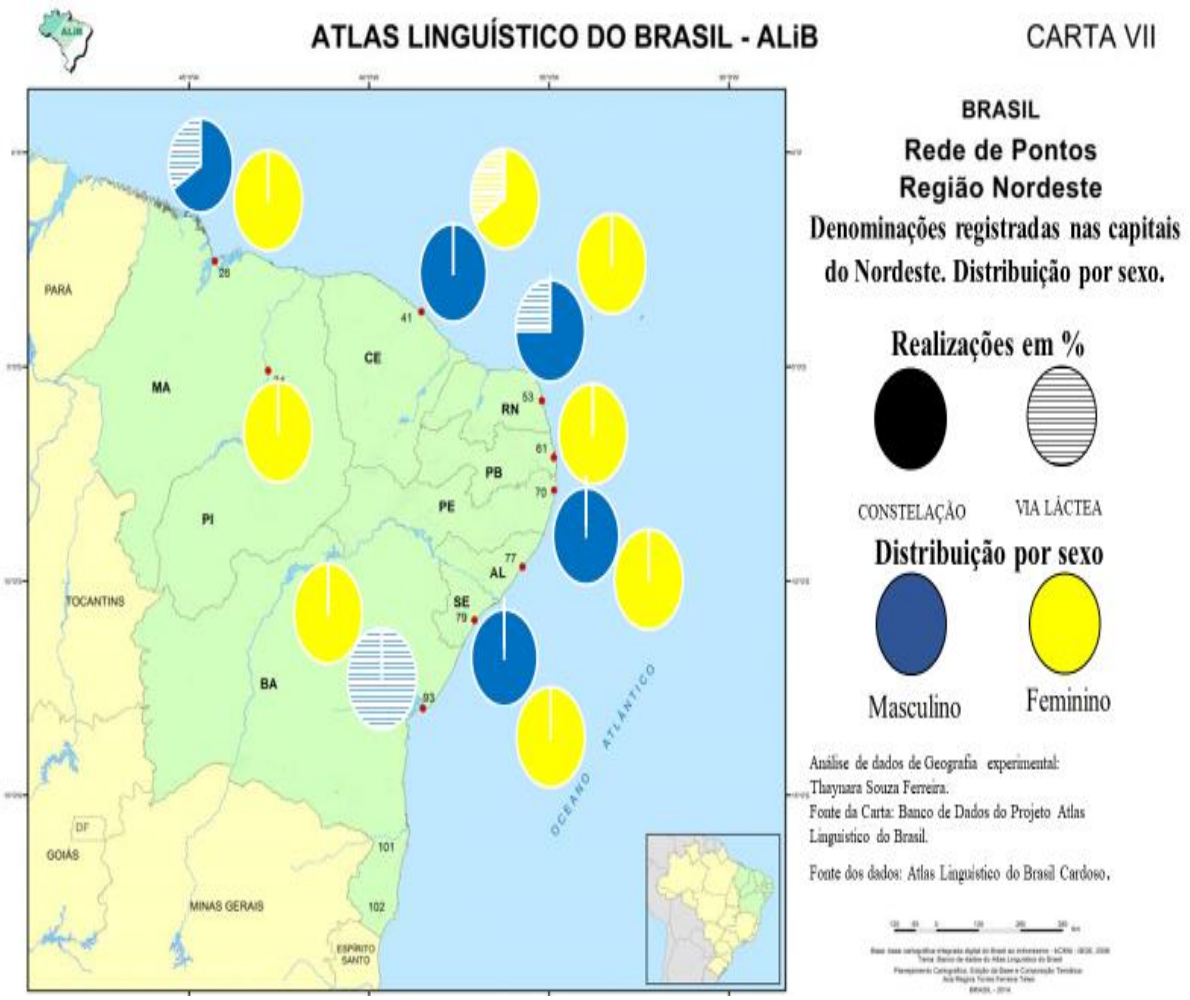
TABELA DE FIGURAS QUE REPRESENTAM AS VARIANTES: CONSTELAÇÃO E VIA LÁCTEA.	
	

Fonte: Autora.

A figura toda preenchida de cor preta representa a variante *constelação* enquanto a vazada, cheia de listras, ilustra a lexia *via láctea*. Decidimos elencar apenas as 02 (duas) variantes de maior ocorrência para a análise dos fatores sociais.

4.2.1 Fator diagenérico

Carta linguística 11 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* por sexo nas nove capitais.



Fonte: Autora

No que tange ao fator diagenérico, nas capitais São Luís (026), Fortaleza (041), Natal (053), João Pessoa (061), Recife (070), Aracaju (079), Salvador (093) e Teresina (034) predominou a lexia *constelação* na fala tanto de mulheres quanto de homens, com um percentual maior na fala das mulheres. Entretanto, na cidade de Maceió *(077)* não houve nenhuma ocorrência.

Entre os informantes do sexo masculino, representado pela cor azul, percebemos que em São Luís (026) houve a ocorrência tanto de *constelação* (67%) como de *via láctea* (33%), assim como em Natal (053), capital na qual *constelação* atingiu 75% e *via láctea* 25%.

A lexia *constelação*, entre os informantes masculinos das capitais Fortaleza (041), Recife (070) e Aracaju (079), atingiu o índice de 100% de ocorrência. Todavia, em Salvador (093), a lexia que predominou na fala dos informantes do sexo masculino foi *via láctea*, com 100% de ocorrência.

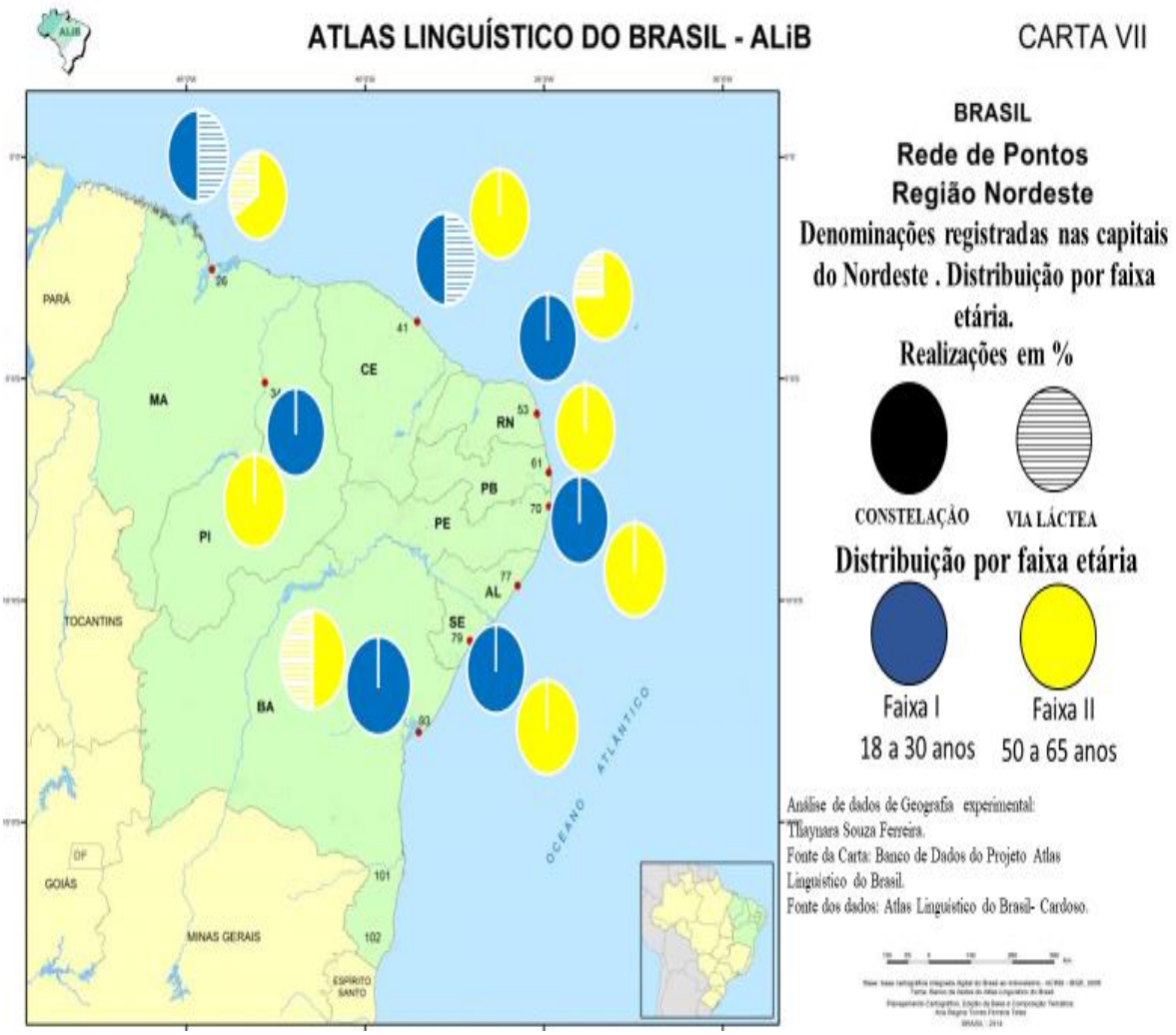
Quanto à análise dos dados fornecidos pelas informantes do sexo feminino, em 7 (sete) capitais nordestinas – São Luís (026), Natal (053), João Pessoa (061), Recife (070), Aracaju (079), Salvador (093) e Teresina (034) – a lexia *constelação* obteve 100% de ocorrência. Fortaleza (041) foi a única capital na qual a lexia *constelação* não obteve 100% de ocorrência entre as mulheres: *constelação* teve 67% e *via láctea*, *33%*.

Considerando os dados aqui obtidos, as lexias mais recorrentes nas capitais do Nordeste brasileiro para a "banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras" foram realizadas tanto pelos informantes do sexo masculino quanto do feminino. Na carta linguística 11, vemos que a diferença diagenérica de uso dessas variantes está no fato de o sexo masculino ter preterido as 02 (duas) variantes nas capitais de São Luís (026), Natal (053) e Salvador (093), e o sexo feminino ter usado essas duas variantes somente na capital do Ceará.

Tendo em vista isso, podemos afirmar que *constelação* é mais representativa da fala do sexo feminino que da fala masculina, uma vez que os homens oscilaram um pouco mais no uso de *constelação* e *via láctea*.

4.2.2 Fator diageracional

Carta linguística 12 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* por faixa etária nas nove capitais.



Fonte: autora.

Conforme observamos na carta linguística 12, os informantes da faixa etária I (18 a 30 anos) de 05 (cinco) das 09 (nove) capitais — Natal (053); Recife (070); Aracaju (079), Salvador (093) e Teresina (034) — utilizaram somente a lexia *constelação,* enquanto que os informantes dessa faixa etária de Fortaleza (041) e de São Luís (026) utilizaram tanto *constelação* como *via láctea* para nomear o que se pedia na questão de número 33.

Em São Luís e Fortaleza, *constelação* e *via láctea* alcançaram o índice de 50% de uso cada uma entre os informantes do faixa I.

A capital Maceió (AL) foi a única cidade na qual nenhuma dessas variantes apareceram. Em conformidade a mesma situação, em João Pessoa (061) não há nenhum registro de variação lexical na faixa etária I. Todavia, vale a pena resaltar que isto ocorreu somente na faixa I na cidade de João pessoa, pois na faixa II teremos uma variante que atingiu o índice de 100%.

Com relação à faixa II (50 a 65 anos), em Fortaleza (041), João pessoa (061), Recife (070), Aracaju (079) e Teresina (034) houve um percentual de 100% de ocorrência da lexia *constelação* nessa faixa etária. Em Natal (053), entre os informantes mais velhos, *constelação* apresentou o índice de 75% de ocorrência e *via láctea* 25%, e em Salvador (093), as duas variantes atingiram 50% cada.

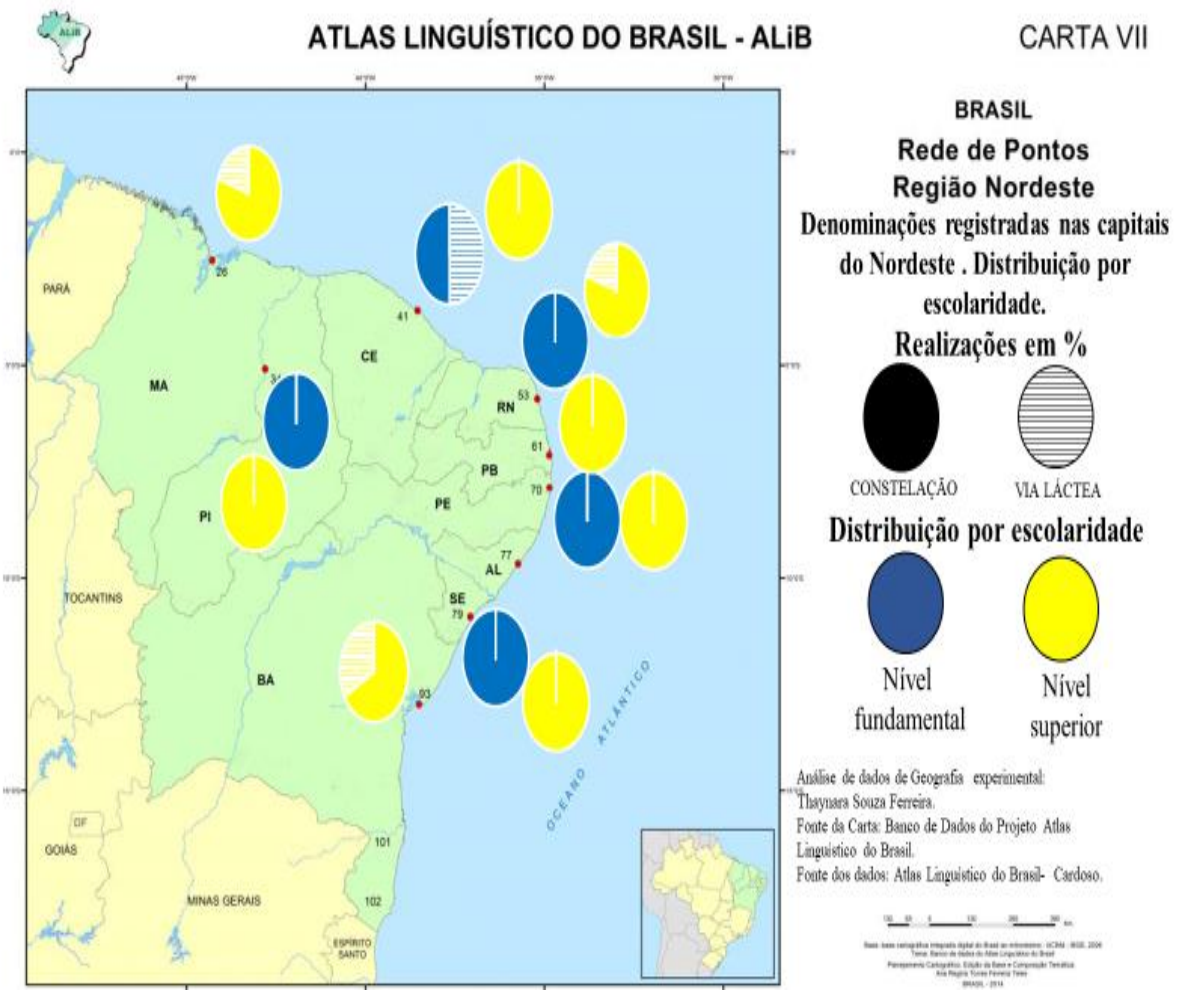
Em São Luís (026) apareceram as duas variantes, *constelação* com 67% e *via láctea* com 33%. E novamente em Maceió (077) não houve o registro de nenhuma das variantes aqui cartografadas.

De modo geral, o fator diageracional contribuiu muito para a análise da variação linguística relativa aos usos de *constelação* e *via láctea* na região Nordeste. Observamos que houve uma predominância de uso de *constelação* em 6 (seis) capitais, exceto em São Luís e Fortaleza, nas quais *constelação* e *via láctea* ficaram na mesma margem de percentual, 50% cada. As 4 (quatro) capitais nas quais *constelação* e *via láctea* apareceram concomitantemente tanto na faixa I como na faixa II foram: São Luís (MA); Fortaleza (CE); Natal (RN) e Salvador (BA). Em São Luís e Fortaleza, na faixa I, a variante *constelação* teve o percentual de 50% assim como *via láctea*. No que tange às capitais Natal e Salvador, a lexia *constelação* alcançou o índice de 100% de ocorrência na faixa I; já na faixa II, Salvador atingiu o índice de *50%* tanto para *constelação* como para *via láctea* e em Natal, entre os informantes mais velhos, *constelação* alçou 75% de ocorrência e *via láctea*, 25%.

Em síntese, *constelação* teve predominância de uso tanto entre os informantes da faixa I (18 a 30) quanto entre os da faixa etária II (50 a 65 anos) da região Nordeste, embora tenha uma predominância maior entre os informantes da faixa etária II.

4.2.3 Fator diastrático

Carta linguística 13 – Variantes linguísticas para *Via Láctea* por fator escolaridade nas nove capitais.



Fonte: Autora

De acordo com os dados da carta linguística 13, constatamos que os informantes só com o Ensino Fundamental usaram muito mais a variante *constelação* que *via láctea*. E isso fica mais evidente nas capitais Natal (053), Recife (070), Aracaju (079) e Teresina (093) nas quais *constelação* atingiu 100% de ocorrência nesse nível escolar. Todavia, na cidade de Fortaleza (041), os informantes com esse nível de escolaridade usaram tanto *constelação* como *via láctea*, cada uma com 50% de ocorrência. No que tange ainda sobre o ensino

fundamental, tanto São Luís (026) como Salvador (093) e João Pessoa (061), não ultilizaram as variantes *constelação* e *via láctea*.

No que compete aos informantes com nível superior, a lexia *constelação* atingiu 100% de ocorrência nas cidades de Fortaleza (041), João Pessoa (061), Recife (070), Aracaju (079) e Teresina (034). A variante *via láctea* foi usada apenas pelos informantes das cidades de São Luís (026), com 20%, Natal (053), também com 20%, e por último, em Salvador (093), com 33%, de ocorrência.

Vale a pena ressaltar que, assim como retratam as cartas linguísticas 11 e 12, nenhuma das duas variantes aqui analisadas foram identificadas nas respostas dos 8 (oito) informantes da cidade de Maceió. Além disso, nessa capital identificamos variantes apenas entre os informantes do nível superior, pois os informantes de nível fundamental argumentaram não saber ou lembrar a resposta da questão aqui estudada.

Pelo exposto, constatamos que *constelação* teve predominância de ocorrência tanto entre os informantes com o ensino fundamental quanto entre os informantes com o nível superior. Todavia, os informantes com nível superior usaram mais as duas variantes predominantes na região Nordeste do que os informantes apenas com o nível fundamental. Nesse sentido, ressaltamos, ainda, que o uso mais frequente de *via láctea* entre os informantes com o nível superior se deu por essa forma ser mais erudita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Via Láctea é uma galáxia relativamente grande, com mais de 100 bilhões de estrelas e sua origem vem do latim e significa faixa de leite.

O desenvolvimento desta pesquisa monografia, intitulada ***VIA LÁCTEA:*** *Uma investigação sobre a variação lexical nas capitais do Nordeste brasileiro*, objetivando investigar as denominações dadas a *Via Láctea* nas nove capitais do Nordeste: São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE) e Salvador (BA) com base na análise de fatores sociais.

Para o tratamento e análise dos dados, usamos a metodologia usada pelo ALiB, assim, produzimos 13 (treze) cartas linguísticas, tomando como base o modelo de carta do ALiB, tanto para evidenciar a variação diatópica como para destacar a ocorrência, ou não, de variação diageracional, diagenérica e de escolaridade.

Com base nos dados analisados, constatamos que as variantes *constelação* e *via láctea* obtiveram um índice de predominância na região Nordeste do Brasil, sendo que *constelação* teve um percentual de ocorrência - 56,25% - majoritariamente superior ao de *via láctea* - 8,33%.

Considerando a análise dos fatores sociais, pudemos confirmar que, quanto à variação diagenérica, *constelação* é mais representativa da fala do sexo feminino que da fala masculina, uma vez que os homens oscilaram um pouco mais no uso das duas variantes mais recorrentes: *constelaçã*o e *via láctea*. Quanto à variação diageracional, *constelação* teve predominância de uso tanto entre os informantes da faixa I (18 a 30) quanto entre os da faixa etária II (50 a 65 anos) da região Nordeste, embora tenha uma predominância maior entre os informantes da faixa etária II. E considerando os níveis de escolarização dos informantes, *constelação* teve predominância de ocorrência tanto entre os informantes só com o Ensino Fundamental quanto entre os informantes com o nível superior. Todavia, os informantes como nível superior usaram mais as duas variantes predominantes na região Nordeste do que os informantes só com o Fundamental.

Com a realização deste trabalho, esperamos incentivar investigações sobre as especificidades do português brasileiro nas demais regiões brasileiras e, mais especificamente, para a confirmação da existência, ou não, de falares do Norte, do Nordeste e do Sul, além de contribuir com a atualização do ensino da variedade brasileira do português na região Nordeste.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. **O dialeto caipira.** 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920].

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes.** Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

BRANDÃO, Silva. F. **A geografia linguística no Brasil**. ISBN 8508037783. Todos os direitos reservados Editora Ática S.A. São Paulo, 1991.

BEKE, VANESSA C. M. **Tabus linguísticos nas capitais do brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. Mestrado em estudos de linguagens. Campo Grande, 2012.

BRAGA, Maria. L..; MOLLICA, Maria.C. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. - 4.ed.,1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto,2012.

CARDOSO, Suzana Alice. **Dialetologia atual: tendências e perspectivas**. Revista do GELNE. 2003.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística tradição e modernidade**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COSTA, Daniela de S. S. **O léxico indígena nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico.** Mestrado em estudos de linguagens. Campo Grande, 2012.

COSTA, Daniela de S. S. **Vocabulário dialetal do centro-oeste: interfaces entre a lexicografia e a dialetologia.** Londrina, 2018.

D'ANUNCIAÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em minas gerais**. Salvador, 2016.

NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1953.
NUNES, Juliany Fraide. **Vocabulário do corpo humano nas regiões norte e sul do brasil: perspectivas semânticas e geossociolinguística.** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Departamento de letras programa de pós-graduação mestrado em estudos de linguagens. Campo Grande, 2017.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. **O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: Acidentes Geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e Tempo**. Salvador 2014.

OLIVEIRA, Anielle Souza de. **Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues: estudo metalexicográfico da variação em perspectiva dialetal e histórica.** Salvador, 2017.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. – Homenagem a Socorro Aragão. – São Luís: EDUFMA. 2010.

RAZKY,Abdelhak. OLIVEIRA, Marilucia Barros de. LIMA, Alcides Fernandes de. **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

RAZKY,Abdelhak. OLIVEIRA, Marilucia Barros de. LIMA, Alcides Fernandes de. **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano.** Salvador, 2012.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil.** Londrina, 2015.

MARINS. Luciene Gomes Freitas. **O rural e o urbano: novos e velhos falares na regiãocentro-oeste do Brasil.** Mestrado em estudos de linguagens. Campo Grande -MS2012.

SÁ, Edmilson José de. **O léxico na região Nordeste: questões diatópicas**. ReVEL, v. 9, n. 17, 2011. [www.revel.inf.br].

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando peloscaminhos do falar fluminense.** Salvador, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. -8. ed. – São Paulo: Ártica, 2007.

YIDA, Vanessa. **O campo semântico da alimentação e cozinha no atlas linguístico do Brasil-ALiB- um estudo lexical das capitais**. Londrina, 2011.